

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

EDUARDO LUIZ TOMASINI

JORNAL “FÔLHA D’OESTE”:

A CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL DE PROGRESSO EM CHAPECÓ - SC (1967-1971)

CHAPECÓ

2022

EDUARDO LUIZ TOMASINI

JORNAL “FÔLHA D’OESTE”:

A CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL DE PROGRESSO EM CHAPECÓ - SC (1967-1971)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduado.

Orientador: Prof. Dr. Claiton Márcio da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Tomasini, Eduardo Luiz
JORNAL "FÔLHA DOESTE": A CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL DE
PROGRESSO EM CHAPECÓ - SC (1967-1971) / Eduardo Luiz
Tomasini. -- 2022.
51 f.:il.

Orientador: Doutor Claiton Márcio da Silva
Co-orientador: Doutor Gerson Wasen Fraga
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2022.

1. Fôlha D'oeste. 2. Política. 3. Progresso. I. ,
Claiton Márcio da Silva, orient. II. Fraga, Gerson
Wasen, co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira
Sul. IV. Título.

EDUARDO LUIZ TOMASINI

JORNAL “FÔLHA D’OESTE”:

A CONSTRUÇÃO DE UM IDEAL DE PROGRESSO EM CHAPECÓ - SC (1967-1971)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Graduado.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 02/09/2022.

BANCA EXAMINADORA



Coorientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga



Avaliador
Prof. Dr. Bruno Antônio Picoli



Avaliador
Prof. Dr. Antônio Luiz Miranda

Dedico este trabalho a minha mãe e minha
esposa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Lucia que me ajudou na primeira tentativa de graduação e a minha esposa Gabriela que me apoiou nesta última etapa. Agradeço também a educação pública, gratuita e de qualidade que é ofertada para todos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o jornal “Fôlha D’oeste”, periódico publicado em Chapecó, Santa Catarina, tendo como recorte cronológico os anos de 1967 e 1971, e a afirmação de um ideal de progresso predominantemente econômico que não abrangia qualquer outro, seja ele social, cultural, de cidadania ou que envolvesse algum tipo de minoria, definir uma associação ao crescimento do uso termo progresso durante os anos analisados e como ele pode ter contribuído para os direcionamentos da sociedade chapecoense como um todo. A proposta é realizar essa análise partindo desta perspectiva da nova História Política, onde o Jornal é visto como uma fonte e um agente político. Ao mesmo tempo, é analisando a influência do regime militar e de autoridades locais em suas publicações. Esse trabalho também leva em consideração a produção, circulação e difusão do jornal, aspectos que auxiliam na análise do seu conteúdo.

Palavras-chave: Fôlha D’oeste, política e progresso.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the newspaper "Fôlha D'oeste", a periodical published in Chapecó, Santa Catarina, having as a chronological cut the years 1967 and 1971, and the affirmation of an ideal of strictly economic progress that did not cover any other, be it social, cultural, citizenship or involving some type of minority, define an association with the growth of the use of the term progress during the analyzed years and how it may have contributed to the directions of Chapecoense society as a whole. The proposal is to carry out this analysis from this perspective of the new Political History, where the newspaper is seen as a source and a political agent. At the same time, it analyzes the influence of the military regime and local authorities on its publications. This work also takes into account the production, circulation and dissemination of the newspaper, aspects that help in the analysis of its content.

Keywords: : Fôlha D'oeste, politics and progress.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REVISÃO HISTÓRICA.....	18
3	O JORNAL E O PROGRESSO	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
5	BIBLIOGRAFIA.....	51

1 INTRODUÇÃO

Ao pesquisar os jornais arquivados CEOM¹ de Chapecó, Santa Catarina, me deparei com alguns exemplares do jornal *Fôlha D' oeste*. Folhando suas páginas, que decorriam de anos de arquivamento, me chamou a atenção os que datavam do período militar. Dentre as matérias impressas nesses periódicos as que mais me instigavam eram as que exaltavam questões econômicas em Chapecó e do regime militar, mas ainda sem definir ao certo o que era essa atenção, continuei a ler suas páginas. Até que, após olhar com maior cuidado, eu pude reparar o que era que me prendia em suas folhas, era a forma como o jornal e as autoridades locais, tanto no editorial como nas matérias apresentadas, exaltavam o progresso.

Marialva Barbosa trata das questões da censura previa e autocensura e sua interferência no cotidiano dos jornais brasileiros. Segundo ela, chama a atenção o afastamento da imprensa das questões políticas durante o Regime Militar (o que se dá em maior escala em âmbito nacional), e como tomou destaque a divulgação dos milagres econômicos da nação e glórias esportivas nacionais. (BARBOSA, 2007) Com base nessa afirmação, concentrou-se o recorte temporal entre os anos de 1967 e 1971.

Fica claro já nas primeiras leituras das páginas do jornal “Fôlha D' oeste que o ideal de progresso era predominantemente econômico e que não abrangia qualquer outro, seja ele social, cultural, de cidadania ou que envolvesse algum tipo de minoria. Contudo, mesmo afirmando esse ideal de progresso por parte do jornal, compreende-se que o enfoque econômico aqui diz muito mais sobre as intenções políticas do que um posicionamento frente a diretrizes econômicas. Compreende-se que o político não tem uma autonomia frente a outras partes da realidade social e o mesmo vale para o inverso. Outra questão importante no processo de análise da fonte, é a quantidade e a frequência que o termo progresso aparece nas suas folhas durante o período analisado. Depois de 1968, mas principalmente nos anos de 1969, 1970 e 1971, se se torna mais frequente.

Dessa forma, compreende-se que o presente trabalho terá grande relevância para melhor compreender as dinâmicas políticas de Chapecó nesse período tão importante da história do Brasil.

1 O CEOM é o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, instituição vinculada à Diretoria de Educação Continuada e Extensão e à Vice-Reitoria de Pesquisa, Extensão, Inovação e Pós-Graduação, da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar o conteúdo do jornal “Fôlha D’oeste”, questionando a importância da afirmação desse tipo de progresso em suas folhas, definir uma associação ao crescimento do uso termo progresso durante os anos analisados e como ele pode ter contribuído para os direcionamentos políticos da sociedade chapecoense como um todo. É analisada também a influência do regime militar e de autoridades locais nas publicações desse jornal. Também será considerada a produção, circulação e difusão do jornal, aspectos que auxiliam na análise do seu conteúdo.

Após esse primeiro contato com a fonte, procurei me apoderar de um aparato teórico-metodológico que me ajudasse na minha pesquisa e com livros que fizessem uso desse tipo material como fonte e como objeto de pesquisa, estudos sobre o período em questão e de algo de me desse respostas sobre esse discurso envolvendo a ideia de progresso. Para tanto, entre em contato primeiramente com as produções e conceitos da denominada Nova História Política. Como ele é amplo dentro da historiografia, vou mostrar suas origens e abordagens.

Assim como os historiadores são filhos do seu tempo, conseqüentemente a disciplina também o é. Mas muito para além disso, e talvez o mais importante, a própria definição e abrangência do termo também se modifica conforme o tempo e o contexto que está inserido. Partindo dessa perspectiva, Remond e seus colegas compreenderam que essas mudanças estão ligas a:

relação entre a realidade observada e o olhar que a observa: pois, considerar alternadamente as mudanças que afetaram o político e as modificações ocorridas no espírito dos historiadores que preferiram fazer do objeto político o objeto principal do seu estudo. (RÉMOND, 2003, p. 14)

A história política, dominando durante muito na produção historiográfica, virou sinônimo de como não se conduzir essa produção. Como escreveu René Remond: “Factual, subjetivista, idealista, a história política reunia todos os defeitos do gênero de história.” (RÉMOND, 2003, p. 18) Julgada como ultrapassada e obsoleta, ela seria condenada para que a renovação da disciplina que ocorreu no século XX fosse possível. “Havia chegado a hora de passar da história passar dos tronos e das dominações para a dos povos e das sociedades.” (RÉMOND, 2003, p. 18)

A mudança de foco na análise histórica está estritamente ligada a realidade histórica, ela não mudou porque os historiadores do político tinham uma ideia limitada da política, mas sim em consequência da própria política representar uma pequena parte da realidade.

As novas orientações da pesquisa histórica estavam em harmonia com a ambiente intelectual e político. O advento da democracia política e social, o impulso do movimento operário, a difusão do socialismo dirigiam o olhar para as massas. A compaixão pelos deserdados, a solidariedade pelo pequeno a simpatia pelos “esquecidos da história” inspirava um vivo desejo de reparar a injustiça da história...” (RÉMOND, 2003, p. 19)

Se a política, na sociedade atual, é organizada em torno do estado e de seu poder. O que traz de volta a história política, mais do que uma ressignificação interna, é a própria abrangência do papel do estado dentro da sociedade. As consequências das duas grandes guerras do século XX e seus desdobramentos, como a interferência na economia e na organização social, deram a oportunidade do estado, e conseqüentemente a política, intervir em setores diferentes.

O desenvolvimento das políticas públicas sugeriu que a relação entre economia e política não era de mão única: se não há dúvida de que a pressão dos interesses organizados às vezes altera a condução dos negócios públicos, a recíproca não é menos verdadeira: a decisão política pode modificar o curso da economia para melhor e para pior. (RÉMOND, 2003, p. 23)

Com o aumento das atividades do estado, ampliaram-se os domínios das ações políticas. A política se apoderou de uma série de problemas que até então não lhe diziam respeito, entre eles ações sociais, questões de moradia e políticas culturais. A crítica de que o político não cuidava das “verdadeiras realidades “deixaram de se sustentar, já que ele passou a geri-las. Com isso, a própria história política ampliou seu leque de preocupações, ela tomou conta de acontecimentos reais da sociedade, até então acolhidas por outras linhas da historiografia. Há até quem diga que agora tudo é política. (RÉMOND, 2003)

Se o aumento do controle do estado trouxe novas atribuições para o político, uma consequência foi a ampliação de atores políticos. Entre eles vamos destacar a mídia, com análise mais direcionado aos periódicos neste trabalho. Um dos principais aspectos é sua influência na opinião pública e quais os meios de que o Estado, os partidos e o governantes possuem para pressionar e controlar essa imprensa escrita. Para além das interferências externas, é preciso levar em conta seus dirigentes, colaboradores e suas relações com os poderes externos. E todas essas relações

... se esbarra no político, de uma maneira ou de outra, no interior desses estabelecimentos, porque na vida cotidiana de um jornal, de um rádio, de uma televisão, se reflete a vida política do país. Com todas as deformações se se queira, vê-se aí resumido, reunido, com relevos acentuados, o jogo que é jogado no mundo político. (JEANNENEY, 2003, pp. 224-225)

Na questão metodológica, faremos uso do trabalho de Tânia Regina de Lucca. Ela nos fala que até a década de 70 eram poucos os trabalhos que usavam jornais como fonte para a produção da História do Brasil. A história da imprensa não era uma preocupação nova, mas a História por meio da imprensa ainda era uma relutância. Para ela, essa questão está ligada a uma tradição historiográfica que buscava uma “verdade dos fatos”. Essa verdade seria alcançada por meio dos documentos. Já o historiador não deveria ter qualquer envolvimento com o objeto de estudo e suas fontes deveriam ser “marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distantes do seu próprio tempo.” (DE LUCA, 2015, p. 112) Com isso, alguns documentos recebiam uma importância maior que outros e nesse contexto os jornais estavam em uma posição inferior.

Nem a crítica promovida pela Escolas dos Annales² na década de 1930 sobre essa ideia de História foi suficiente para promover as fontes oriundas da imprensa a um lugar de destaque. Foi só com a chamada terceira geração dos Annales e os “novos objetos, problemas e abordagens”³ que isso começou a mudar. O contato com outras Ciências Humanas como a Sociologia e a Antropologia trouxe um aumento no campo temático do historiador e com isso a própria concepção de documento. (DE LUCA, 2015)

De Luca, no Capítulo “A Imprensa sob suspeição”⁴ mostra como os historiadores no final da década de 1960 e início dos na os 1970 no Brasil ainda tinham dúvidas quanto ao uso dos periódicos. Eram levantadas questões sobre a independência do conteúdo, a parcialidade, se era verídico ou falso. Citando o professor francês Jean Glénisson, a autora discorre sobre a crítica a ser feita aos jornais, posto que esses eram dotados de “complexidade desanimadora. Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo.” (DE LUCA, 2015, p. 116) Aqui a dúvida não pairava mais sobre a objetividade dos periódicos como fonte, mas sim sobre o seu uso “como meros receptáculos de informação”. (DE LUCA, 2015, p. 116)

A partir da década de 1970, “ao lado da história da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto de pesquisa em história”. (DE LUCA, 2015, p. 117) Como exemplo disso temos as teses de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, apresentadas em

2 A Escola dos Annalle se estrutura em 1929, na França, com a criação da revista de história *Annales d’Histoire Economique et Sociale* por Lucien Febvre e Marc Bloch. Ver (REIS, 2000)

3 Obra publicada por J Le Goff e Pierre Nora em 1974 com o título *Faire de l’Histoire*, em três volumes. Ver (REIS, 2000)

4 (DE LUCA, 2015)

1974, e que em 1980 transformaram-se na obra *O Bravo Matutino, Imprensa ideológica: o Jornal O estado de São Paulo*. Essa obra traz uma nova forma de lidar com o jornal, “como fonte única de investigação e análise crítica. E que a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”, (CAPELATO & PRADO, 1980, p. XIX) assim, não vendo mais a imprensa como “mero veículo de informações”. O que as levou a escolha do jornal “O Estado de S. Paulo” como objeto foi essencialmente o fato dele ter uma trajetória de “defensor dos postulados liberais” e, o que mais me chamou a atenção para a minha pesquisa, de vê-lo como “órgão modelador da opinião pública”. (CAPELATO & PRADO, 1980)

No trabalho com periódicos e principalmente com jornais, o primeiro aspecto em destaque seria sua materialidade, “...fato que se tornaria evidente se percorrêssemos uma hemeroteca ideal que colocasse, lado a lado, exemplares de épocas diversas. A atenção do visitante seria atraída pela notável variedade de formatos, tipos de papel, qualidade de impressão cores e imagens.” (DE LUCA, 2015, p. 131) E que “as diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo não se esgotam em si mesmas, antes apontam para outras, relacionadas aos sentidos assumidos pelos periódicos no momento da circulação.” (DE LUCA, 2015, p. 132)

Toda essa variedade de formas e impressões são o resultado da “interação entre métodos de impressão disponíveis num dado momento e o lugar social ocupado pelos periódicos.” Por isso:

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada tem de natural. Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos de computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leitura. (DE LUCA, 2015, p. 132)

É por isso que devemos historicizar a fonte, e isso implica em saber as condições técnicas de produção de determinando tempo e o porquê dessa ou aquela escolha por quem a produziu.

Outro aspecto importante é com relação ao conteúdo dos periódicos e seus produtores. Existe uma discussão sobre objetividade e neutralidade, notícia e interpretação. Contudo, De Luca coloca que esse debate não acrescenta no trabalho do historiador e suas fontes. Para ela é claro que:

...a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto de imprensa. (DE LUCA, 2015, p. 139)

Para isso é preciso estar atento às motivações que levaram a destacar alguma notícia, o local onde foi publicada, da capa do periódico para as páginas internas existe uma diferença muito grande, e se existe a recorrência em determinadas publicações. Esses “discursos adquirem significados de muitas formas” e “temas, linguagem e natureza do conteúdo” estão ligadas ao público que essa produção é destinada. (DE LUCA, 2015, p. 140)

Outra questão relevante é de quem produz o conteúdo desses periódicos, o jornal não é uma produção solitária, mas sim um conjunto de indivíduos distintos que o produzem. Junta-se a isso a necessidade de “identificar cuidadosamente o grupo responsável pelo editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para textos programáticos” e as “suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros”. Isso ajuda os historiados a identificar algumas questões compartilhadas entre esses atores. (DE LUCA, 2015, p. 140)

Assim, esse trabalho será estruturado em dois capítulos. No primeiro é apresentado o contexto histórico nacional e local. No último capítulo será analisada o jornal *Fôlha d’Oeste* e como se deu o enfoque no ideal de progresso, a influência dos atores que participam de suas publicações e possíveis desdobramentos.

2 REVISÃO HISTÓRICA

No contexto nacional, no 1º de abril de 1964 temos a tomada de poder pelos militares com o auxílio de parte da sociedade civil e do governo americano. Como justificativa para tal, fez-se uso da Doutrina de Segurança Nacional⁵. Nela foi amparada a luta ideológica, ou seja, o combate ao comunismo, e a condições para as mudanças estruturais no estado brasileiro. Com base nesses acontecimentos e aparatos se estabeleceram no Brasil “novas especificações para o papel das Forças Armadas no processo político.” (BORGES, 2010, p. 20)

De início já se tem um processo de institucionalização da Ditadura Civil Militar e seus reais interesses ficam mais claros. Com a publicação do Ato Institucional n.1 (AI-1), em 09 de abril de 1964, foram atribuídos poderes constituintes ao regime, “fragilizando o Legislativo, controlando o Judiciário e fortalecendo o Executivo.” Esse primeiro Ato “representava a verdadeira pedra angular do regime ditatorial brasileiro em sua fase inicial, constituindo o primeiro passo para a institucionalização da ditadura militar.” (FREIRE, 2011, p. 130). Esse ato permitiu duas outras ações que fortaleceram o regime. Primeiro foi a posse do General Castelo Branco, o que representava um membro do Alto Comando das Forças Armadas no controle do Brasil e da própria sucessão presidencial. Em segundo lugar, a criação do SNI, o Serviço Nacional de Informações⁶, em 13 de junho de 1964.

Na continuidade da implantação do controle por parte do regime, em 27 de outubro de 1965 foi criado o Ato Institucional n.2. Esse seria o fim da ilusão de quem acreditava que na reabertura democrática no país. O AI-2 foi assinado alguns dias depois da eleição para governador em onze estados, a qual apresentou um resultado que não agradou os militares, o que gerou a extinção de treze partidos e a criação de um sistema bipartidário no Brasil com a criação da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Em 06 de fevereiro de 1966 foi baixado o AI-3, que entre várias coisas instituiu a eleição indireta dos governadores pelos membros das Assembleias Legislativas e o fechamento do congresso com o posterior Ato Complementar n.23. Pouco tempo depois, o AI-4, publicado em 07 de dezembro de 1966, reconvocou o Congresso Nacional e uma nova

5 DNS

6 O SNI era um órgão da presidência da República responsável pela supervisão e coordenação das atividades de informação relativas à questão da segurança nacional.

constituição foi discutida e votada de forma totalmente atropelada. Com uma oposição enfraquecida e sem chances de barrar o processo, em 24 de janeiro de 1967 a V Constituição da República Federativa do Brasil foi promulgada. (FREIRE, 2011)

O golpe mais severo da Ditadura ainda estava por vir. Em 13 de dezembro de 1968, o governo do General Costa e Silva baixou o Ato Institucional n.5 que deu grandes poderes ao presidente e, diferente dos demais, não teve limite de tempo estipulado. Dentre seus artigos, o AI-5 estipulava que o presidente poderia decretar o recesso do congresso e com isso executivo poderia legislar durante o seu recesso. Ele também poderia intervir nos estados e municípios. Outro ataque duro que o Ato permitiu foram aos direitos políticos, onde os mandatos políticos federais, estaduais e municipais poderiam ser cassados e os direitos políticos suspensos por até dez anos. A professora Silene Freire define bem esse Ato: “Ele se tornou permanente, duradouro, uma eterna ameaça a pairar sobre a sociedade. Nesse contexto, todos os indivíduos foram transformados em possíveis inimigos do estado.” (FREIRE, 2011, p. 160)

Os desdobramentos do AI-5 nos anos posteriores serão tratados em parágrafos posteriores e ligados a temas específicos. No momento, como a proposta do trabalho é analisar o ideal de progresso e este já foi identificado como prioritariamente econômico, torna-se importante uma contextualização do cenário econômico nacional e mundial.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial a economia brasileira crescia mais que qualquer outro país latino-americano, ficando atrás somente da Alemanha, Japão, Coreia do Sul e Taiwan. Porém, “entre os anos 1963 e 1967 o crescimento econômico brasileiro caiu pela metade, o que gerou um acirrado debate sobre a natureza das reformas econômicas necessárias para retomar as taxas históricas de expansão econômica.” (PRADO & EARP, 2010, p. 209) O debate ficou entre os estruturalistas e os liberais: enquanto os primeiros pensavam em reformas de bases e intervenção do Estado, os segundos viam nisso as principais razões para o atraso econômico brasileiro. Mas logo essa questão foi resolvida com Golpe Civil Militar de 1964:

... que determinou a vitória da estratégia econômica defendida por estes últimos. Castelo Branco, presidente de república do primeiro governo militar, nomeou notáveis liberais para a direção da política econômica. O novo governo garantiu o poder político necessário para a realização de reformas conservadoras e de um plano de estabilização econômica que criaria as bases de um novo modelo de crescimento no Brasil. (PRADO & EARP, 2010)

Os primeiros anos do governo militar priorizaram a luta contra a inflação que aumentava desde o início da década. Para isso, foi criado um Plano de Ação Econômica do Governo (Paeg) que “definia como principal objetivo, para o biênio 1965-66, acelerar o ritmo do desenvolvimento econômico do país e conter progressivamente o processo inflacionário para alcançar um razoável equilíbrio de preços em 1966.” (PRADO & EARP, 2010, p. 213) O problema inflacionário, segundo o governo, estava no déficit público, e para isso foi necessária uma reforma tributária e político salarial. Foi criado o novo Código Tributário Nacional (Lei nº 5.172/66) e o FGTS, entre outras políticas.

Estas reformas das políticas fiscal, creditícia e trabalhista eram consideradas necessárias para garantir a definitiva superação do problema inflacionário e condições para que o setor privado promovesse a retomada do desenvolvimento econômico sob sua liderança. (PRADO & EARP, 2010, p. 216)

Essa política não obteve sucesso no quesito do controle da inflação, contudo as reformas institucionais que foram realizadas nesse período criaram as bases para o financiamento e o investimento do setor público nos anos seguintes. Mas como esse era um período de baixo crescimento econômico e de insatisfação popular com a economia, as retiradas de direitos e a redução do sistema político-partidário foram elencadas como condições para continuidade do projeto econômico. (PRADO & EARP, 2010)

No contexto mundial dos anos 1960 e início dos 1970, a economia crescia em um ritmo acelerado em países como os EUA, Alemanha e Japão. Foi nesse período que as atividades financeiras ligadas aos empréstimos internacionais entre governos, empresas internacionais e empresas públicas cresceram. “O aumento do financiamento externo e as condições favoráveis ao aumento das exportações (o aumento do comércio mundial cresceu 7,4% ao ano entre 1961 e 1973) somaram-se para criar condições extremamente favoráveis à retomada do crescimento econômico brasileiro.” (PRADO & EARP, 2010, p. 218)

Nesse cenário de crescimento mundial da economia temos no Brasil o chamado “milagre brasileiro” no início dos anos 1970, que vem de um *boom* econômico observado desde 1968 e utilizado como propaganda do regime militar. Em 1967, o presidente Costa e Silva nomeou Delfim Neto para o Ministério da Fazenda e Hélio Beltrão para Ministério do Planejamento, esse novo ministério assumiu em um cenário de recessão e a princípio parecia que continuariam com a mesma política econômica. Contudo, um ambiente de descontentamento com a econômica e articulações políticas de oposição para o retorno dos

civis ao poder levaram o regime a modificar sua política econômica. Nesse novo contexto, seria necessário alcançar taxas de crescimento econômico mais altas. Essas seriam forçadas por gastos públicos, destoando totalmente da ideia inicial que seria com um papel maior do setor privado nesse processo. (PRADO & EARP, 2010)

Vale ressaltar que esse movimento de maior controle sociedade e, conseqüentemente, da economia veio em um momento crucial para a manutenção da ditadura civil-militar. Em 1968, irromperam pelo mundo diversas manifestações estudantis que lutavam contra o status vigente. No Brasil:

A luta dos estudantes brasileiros catalisou a insatisfação de outros segmentos da sociedade e chegou ao interior do congresso nacional, e isto no momento que a saúde do presidente apresentava sintomas preocupantes. Sucederam-se rapidamente a repressão ao movimento oposicionista, com a detenção dos delegados ao Congresso da UNE, o Ato Institucional nº 5, novas cassações de adversários, a morte de Costa e Silva, o início da luta armada contra o regime, a posse de uma junta militar provisória e a escolha do novo presidente, o general Emílio Garrastazu Médici. O regime assumiu, então, seu formato mais autoritário, e derrotou seus adversários – para o que teve importância decisiva o então sucesso no campo econômico. (PRADO & EARP, 2010, p. 221)

Entretanto, esse milagre econômico que ocorreu no Brasil entre 1968 e 1973 foi restrito a determinados setores da sociedade. Por exemplo, no governo Médici, o plano econômico se fez muito mais importante que o plano político no processo de legitimação e propaganda do governo, o que gerou críticas a esse modelo de desenvolvimento econômico entre especialistas e acadêmicos. Essas críticas se baseavam “... na divulgação dos dados do censo de 1970 que permitiram a constatação de que a distribuição de renda tinha piorado no Brasil na década de 1960, mostrando um ponto fraco nos sólidos resultados econômicos divulgados pelo governo.” (PRADO & EARP, 2010, p. 228)

Essa discussão, enquanto se manteve no meio especialista e acadêmico, não possuía muitos efeitos políticos, contudo, quando foi difundida pela imprensa, gerou um debate muito maior. Diante disso, começou a ficar mais claro que a distribuição de renda tinha piorado no Brasil e que “tais resultados seriam produtos das políticas econômicas dos governos militares, que tanto na estratégia anti-inflacionária como nas reformas estruturais tinham montado um sistema que não beneficiava os setores mais vulneráveis, e, ao contrário, tendia a concentrar renda.” (PRADO & EARP, 2010, p. 231)

O governo não deixou de se manifestar sobre essas críticas. Foi encomendado um trabalho para divulgação em 1973, que ficou a cargo do professor Carlos Geraldo Langoni da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e foi intitulado *Distribuição de renda e desenvolvimento*

econômico no Brasil. Os dados mostravam que os menores ganhos se deram aos grupos com renda próxima ao salário mínimo e ganhos extremamente altos se deram nos de renda muito elevada. (PRADO & EARP, 2010) A justificativa seria de que a “..redução dos níveis de pobreza implicaria um aumento dos níveis de desigualdade, até que, num determinado nível de renda, fosse possível compatibilizar redução de pobreza com melhor distribuição de renda.” (PRADO & EARP, 2010, p. 233) Primeiro a renda seria aumentada e depois a distribuição seria uma consequência, ou melhor dizendo, fazer o bolo crescer para depois dividi-lo⁷.

No presente trabalho, como já dito anteriormente, o ideal de progresso analisado e proferido pelo jornal *Folha do O’este*, juntamente às autoridades locais que contribuía nas suas publicações, vem carregado de um forte direcionamento econômico. sendo destinado para poucos. Essa análise do contexto é importante porque mostra que o cenário de crescimento econômico não era apenas local, ele vinha de um movimento mundial, influenciando o nacional. O que nos faz pensar em como o fenômeno de concentração de renda, influenciado pela política econômica nacional, pode ser um catalisador do tipo de progresso que aqui era almejado.

Para a compressão da relação dos periódicos e a ditadura militar a professora Marialva Barbosa nos traz uma questão relevante: a importância da imprensa na vida política nacional, estando uma sempre associada a outra, e sua consequente mudança depois do golpe militar de 1964. Para ela, no período anterior e no início do golpe existia uma simbiose entre a imprensa e a temática política. Nesse meio destaca os jornais, que atuavam como atores políticos e faziam de seus leitores sujeitos passivos diante da notícia. Eram eles que formavam os seus leitores. (BARBOSA, 2007)

Na crise de 1964, que levou à destituição do presidente João Goulart, a imprensa teve um papel central no desenrolar da trama. Os principais jornais, principalmente do Rio de Janeiro, inflamavam povo contra o governo. E logo depois do ocorrido davam “vivas” à ação dos militares, considerada como uma vitória. Essa mesma imprensa sempre se autoatribuiu o papel de vigilante da democracia e guardião da constituição, um ator político atuante e consciente do seu papel. (BARBOSA, 2007)

Alguns jornais veiculavam a posse do então presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, como o ressurgimento da democracia no país. “Nesse mesmo dia, o *Correio*

⁷ Frase proferida pelo ministro da economia Delfim Neto em respostas as críticas sobre a distribuição de renda no Brasil.

da Manhã noticiava a invasão dos jornais *Tribuna da Manhã*. e *o Globo* por uma tropa de choque de fuzileiros navais.” O que levou ao repúdio da ação e a um “Basta: fora ditadura! Essa questão é analisada por Marialva Barbosa da forma que, mesmo em jornais que em algum momento seriam antagônicos, um ataque ao seu poder de “exercer o papel de direcionadores de opinião do país”, acabaria os unindo. (BARBOSA, 2007, p. 186)

Em uma análise das décadas de 1960 e 70 em relação aos jornais e papel da censura no seu cotidiano, Barbosa, fazendo uso da bibliografia de Maria Aparecida de Aquino, fala em uma imagem estereotipada da censura durante o regime militar. Essa teria sido praticada de forma unilateral, sendo o Estado uma entidade dotada de vontade própria e a “imprensa vítima de seu algoz censor” (BARBOSA, 2007, p. 187). O que para ela seria uma idealização da atuação da imprensa no período de exceção, com uma imprensa lutando unida contra o regime, mas que na prática não se sustenta. Como uma empresa que prima por lucros ela se encontrava entre “a construção de um discurso que a colocava num lugar heroico e a sua própria sobrevivência no mercado jornalístico e de bens de simbólicos”. (BARBOSA, 2007, p. 187)

Além do contexto histórico nacional, faz-se necessário um levantamento do contexto local. A história de Chapecó não tem início com a criação da cidade em 1917⁸, que nessa época era habitada por indígenas, caboclos e colonos europeus, mas começamos por esse marco e pela construção do poder político local que tem início nesse período. Até a década de 1930 e 1940 esse poder era exercido pela forma de coronelismo. Os primeiros coronéis exerciam a extração da madeira e erva-mate, mas a partir da década de 1920 foi estabelecido um novo modo de ocupação local com a chegada da colonizadora Bertaso, Maia e Cia, “...cuja base de dominação era o extrativismo florestal, fortalecendo política, social e economicamente esse novo grupo (as empresas colonizadoras) que se dedicavam ao comércio da terra e da madeira.” (HASS, 2018, p. 257)

Contudo, esses colonizadores tiveram sua influência política reduzida durante o Governo Vargas. As nomeações para os cargos do executivo eram de figuras de outros locais e ligadas a altas patentes militares, o que tirou os representantes das colonizadoras dos cargos de poder. Cenário que mudou com o fim do Estado Novo e a eleição para prefeito, em 1944,

8 Segundo (HASS, 2018, p. 255) “O município de Chapecó, de 1917 até 1953, tinha uma área aproximadamente de 14 mil km² e abrangia quase toda região hoje chamada de ‘oeste de Santa Catarina’ – de Dionísio Cerqueira a Joaçaba. Com os desmembramentos municipais passou a ter uma área total de 661,71 km², tendo a sede urbana 89,936 km², correspondendo o restante à sua área rural.”

de Serafim Enoss Bertaso, filho do coronel Ernesto Francisco Bertaso, proprietário de uma das maiores colonizadoras da região. A família que já dominava economicamente o local, agora passa a dominar politicamente e com isso reestabelece a participação política das empresas colonizadoras no cenário político. (HASS, 2018)

Nos anos seguintes, os grupos tradicionais ainda dominavam a política municipal, porém ocorreram mudanças com o final do Governo Vargas e a criação de novos partidos políticos. Em 1950, com a eleição para prefeito do advogado José de Miranda Ramos, do Partido Trabalhista Brasileiro, tem início a participação de outros setores da sociedade na política e rompimento com o domínio dos colonizadores e madeireiros. (HASS, 2018)

Para esse trabalho é importante destacar o seguinte:

... a partir de 1950 criam-se formas mais sofisticadas de dominação, via clientelismo partidário, meios de comunicação (rádio, jornais) e organização corporativistas (Cooperativa dos Madeireiros, Associação Comercial e Industrial), coexistindo assim, entre as lideranças emergentes e os políticos tradicionais, novas e velhas estruturas e métodos de dominação. (HASS, 2018, p. 261)

Essas informações são essenciais para entender o contexto que se inclui o recorte histórico. Essas novas lideranças e estruturas de poder estão presentes no cotidiano político da sociedade chapecoense no final da década de 1960 e início da década de 1970.

Continuando nos anos 50 em Chapecó, esses são marcados por alguns fatos muito discutidos pela historiografia local, que, segundo ela, influenciaram nos rumos que o município tomou na década seguinte. Um deles é o linchamento de quatro “forasteiros” acusados de incendiar a igreja central em outubro de 1950, um episódio que se tentou esquecer e ajudou no redirecionamento da política, da economia e da sociedade local. O outro é a expansão agroindustrial, que já despontava em década anterior, mas que ganhou força na década de 1950, principalmente com a instalação da S. A. Ind. e Com. Chapecó (SAICC) em 1952 em Chapecó. (SILVA & HASS, 2017)

Prova da força, do envolvimento das elites locais e do poder público em torno do projeto econômico envolvendo a agroindústria, é a eleição para prefeito (1956-1961), do fundador da SAICC, Plínio Arlindo de Nês. Com isso, a hegemonia política dos próximos anos em Chapecó é exercida Serafim Enoss Bertaso e Plínio Arlindo de Nês. (SILVA & HASS, 2017)

Em 1963, foi criado um órgão que traria mais força para esse novo projeto econômico e para as elites políticas locais, a Secretaria dos Negócios do Oeste (SNO)⁹. Esse novo órgão, que ficava fora da capital, iniciava uma nova era na questão administrativa e de envolvimento do estado nas questões políticas e econômicas da região, além de atender uma demanda antiga da elite local. Elite essa que ganhou o controle do SNO na década de 1960, primeiro com Serafim Enoss Bertaso e depois com Plínio Arlindo de Nês. (SILVA & HASS, 2017)

Quando se pensa nas consequências do golpe militar, os fatos mais marcantes sempre estão associados aos grandes centros. Contudo, essa já não é uma verdade dentro da historiografia e até mesmo no senso comum.

Por muito tempo foi predominante a ideia de que as cidades do interior não teriam sofrido de forma tão intensa as influências da ditadura militar, uma vez que a maioria dos movimentos de resistência ao regime concentrou-se nos grandes centros urbanos. Ao contrário, os reflexos da repressão também se fizeram sentir no município de Chapecó, através de Atos Institucionais que resultaram na cassação do prefeito municipal de Chapecó, Sadi José de Marco e do deputado estadual Genir Destri, ambos em 1969. (SILVA C., 2014, p. 28)

Nas eleições municipais de 1965, Sadi José de Marco, representante do PTB, é eleito prefeito de Chapecó pela Aliança Social Trabalhista (AST). Ele recebeu apoio do empresário e ex-prefeito Plínio Arlindo de Nês, que nas eleições de 1960 havia indicado João Destri para o mesmo cargo. No seu primeiro ano de mandato, Sadi de Marco, em decorrência da extinção do PTB pelo AI-2, não entrou para o MDB e permaneceu sem partido. No ano de 1967 temos dois eventos importantes em Chapecó: a comemoração dos 50 anos do município e a primeira EFAPI (Exposição-Feira Agropecuária, Industrial e Comercial de Chapecó), e com isso uma nova fase de modernização do município. (SILVA & HASS, 2020)

Contudo, como em tempos de Ditadura nada anda tão facilmente. Sadi de Marco não teve um mandato tranquilo. Além das várias denúncias e aberturas de Comissões Parlamentares de Inquérito pelos adversários políticos dentro legislativo municipal, muito em decorrência do bipartidarismo implantado pelo AI-2, cenário onde a arena ARENA tornou-se o partido da situação e o Regime articulava medidas para favorecer os seus, ele também sofria acusações sobre as críticas feitas ao governo nos seus discursos. Diante de todas essas situações e com a publicação do AI-5 em 1968, Sadi de Marco tem o mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos no dia 29 de abril de 1969. Mesmo a retirada do

⁹ A SNO foi criada pela Lei nº 3283, de 17 de agosto de 1963, e assinada pelo então Governador de Santa Catarina, Celso Ramos. A sede do órgão era Chapecó, mas com um Gabinete especial na Capital do Estado.

prefeito cargo, a ARENA não consegue assumir o executivo municipal. Em janeiro de 1970, quem tomou posse foi João Destri do MDB. (SILVA & HASS, 2020)

Outro contexto histórico importante é o que envolve o jornal *Fôlha d'Oeste*. Ele foi fundado em 1964, na cidade Palmitos (SC), o seu fundador foi Homero Milton Franco. Homero era natural de Ijuí (RS), jornalista licenciado pela FENAJ – Federação Nacional De Jornalismo. Na mesma cidade, antes da fundação do jornal, era radialista e foi vereador pelo PSD – Partido Social Democrata, posteriormente filiou-se ao MDB – Movimento Democrático Brasileiro. (SCHNEIDER, 2001)

O *Fôlha d'Oeste* transferiu-se para Chapecó em 1965. Essa mudança foi a pedido do então representante da Secretaria dos Negócios do Oeste, Serafim Ennos Bertaso. “Como secretário da SNO, ele tinha a intenção de divulgar as ações administrativas, pela recém criada secretaria ...”. (SCHNEIDER, 2001, p. 39) A partir de 1968 o jornal ganha mais um proprietário, Gabriel Dezem. Assim como Homero, ele também nasceu do Rio Grande do Sul, mas na cidade de Serafina Corrêa, e em 1964 se mudou para Chapecó. Era formado em administração de empresas, frequentou escolas militares e, diferentemente do seu colega de jornal, Dezem era ligado a ARENA. A partir de 1969, também dirigiu a revista *Celeiro Catarinense*. (SCHNEIDER, 2001)

O *Fôlha d'Oeste* era um periódico semanal, distribuído em mais de 38 municípios de Santa Catarina e com uma sucursal em Guanabara (Rio de Janeiro). Já como um jornal consolidado, em 1970, ocorreu uma mudança na sua estrutura. Ele passou para as mãos da Indústrias Gráficas Oeste Ltda, mas manteve Homero Franco como diretor e novos redatores foram incorporados, com destaque para Ivo Patussi, comerciante e vereador filiado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Em 1974 houve o retorno de Gabriel Dezem à diretoria do jornal logo após ele ser adquirido pela Editora Antares S.A. Nas publicações de 1976, o proprietário era a Litografia Editora Oeste Limitada e seu diretor por Edir Santo Damo (MDB). No ano de 1977, nova mudança, agora era dirigido por Celso Nunes Moura e sob controle do Grupo Empresarial Editora Oeste Ltda. Chama a atenção as quatro mudanças de proprietários em onze anos, porém o que realmente atrai a atenção é que todos os responsáveis possuíam alguma ligação com lideranças locais ou partidos políticos. Não que seja algo incomum no meio da comunicação, mas ainda assim deve ser levado em consideração. (SIQUEIRA, 2016)

3 O JORNAL E O PROGRESSO

O progresso tem sido uma temática de análise muito utilizada na historiografia, bem como nas demais áreas de estudo. Para balizar este trabalho no contexto local, fazemos uso dos escritos de SILVA & HASS sobre o ideal de progresso em Chapecó.

Para eles, o ideal de progresso no município vem ancorado a um projeto político das elites locais em torno do crescimento da agroindústria, isso em decorrência do declínio das companhias colonizadoras e da tentativa de esquecimento do fato que marcou negativamente a cidade: o linchamento de quatro forasteiros acusados de incendiar a igreja matriz em 1950. Para eles:

A ideia de progresso, neste sentido, mais do que um conceito abstrato, passou a traduzir e fundamentar a construção de um projeto político hegemônico, reunindo em torno de si diferentes grupos políticos e econômicos e que, nas décadas de 1950 e 1960, se materializou no aumento da infraestrutura regional e se difundiu por todos os demais grupos sociais do município. (SILVA & HASS, 2017, p. 338)

O trabalho dos autores, com base em uma bibliografia da história da região e fontes diversas, aborda o “progresso enquanto construção de uma hegemonia, ou seja, como a imposição dos valores de determinado grupo à sociedade em geral.” (SILVA & HASS, 2017, p. 341) E como a hegemonia, por meio do ideal de progresso propagado, teve papel crucial em afastar o município dos fatos nefastos do passado.

Para SILVA E HASS, esse ideário é construído através da introdução valores como de trabalho e progresso, trazidos pelos colonizadores eurodescendentes vindos do Rio grande do Sul no início do século XX. Com isso, a história de Chapecó, na ótica dos empresários e da elite, tem início com a chegada desses povos para ocupar uma terra desabitada, trazendo o progresso e uma visão dos acontecimentos de uma forma linear, onde se partiu de tempos obscuros, cruzando por um presente de grandes realizações e chegando no futuro glorioso.

Neste trabalho não discutiremos os conceitos que o termo progresso possa adquirir. Entendemos que nas páginas do Fôlha do d'Oeste ele é usado “como um atestado de que estamos nos tornando uma sociedade melhor e mais justa.” (DUPAS, 2006) O melhor e mais justa que é o ponto de discussão, pois entendemos que “nada impede que reconheçamos e desejemos maior *progresso* e, ao mesmo tempo, constatemos que obtê-lo não melhora necessariamente a *qualidade* de vida para a maioria das pessoas. (DUPAS, 2006)

“*Energia elétrica é progresso!!*” Entre janeiro de 1967 e final de 1968, o slogan da construtora e fornecedora de materiais elétrico “*Progresso!*” é onde aparecia com mais frequência a expressão nas páginas do Fôlha do d'Oeste. Neste capítulo analisaremos como o termo é usado nas suas folhas e tentaremos entender por que ele aparece com muito mais frequência nos anos de 1969 e 1970.

Figura 1: Progresso!¹⁰



Já identificamos que o progresso nas páginas do Fôlha do d'Oeste é associado a questões econômicas, para a projeção do futuro em datas comemorativas e em notícia que envolvam grandes transformações de infraestruturas, como aberturas de estradas e construções de pontes. Aspectos que serão mais bem abordados na análise dos anos em que uso do progresso é mais frequente. Primeiramente, demonstraremos como em matérias que abordavam as temáticas citadas acima o termo era pouco ou nunca usado.

¹⁰ Fôlha do d'Oeste N 90 de 11 de janeiro de 1967

Como exemplo temos duas matérias na capa da edição de 29 de janeiro de 1967, uma intitulada “*Mil kms. Para inaugurar uma dúzia de obras*” e outra “*1917 – 1967 50 anos*”. A primeira trata uma série de obras inauguradas pelo então governador de Santa Catarina, Ivo Silveira, entre elas a linha telefônica Chapecó, Xaxim e Xanxerê. A segunda fala sobre os 50 anos de Chapecó e os três anos do jornal. Nos parágrafos que se seguem, os acontecimentos não são associados ao ideal de progresso, mesmo sendo relatados com algum entusiasmo pelos seus responsáveis.

Também em outros momentos, como o anúncio feito pelo prefeito da época, Sady de Marco, das intensivas obras do calçamento da avenida, da inauguração “na praça da Matriz de Chapecó, o novo chafariz em mercúrio, em continuação aos trabalhos de embelezamento da cidade para as festas de seus 50 anos”¹¹, nas notícias sobre as projeções e os recursos para trazer a BR 282¹², obra tão aguardada na época, ou mesmo na projeção feita que “*Dentro de 22 anos Chapecó terá 300.mil habitantes*”¹³, não vemos o uso do progresso no relato dos acontecimentos por parte do Fôlha do d’Oeste.

O progresso começa aparecer nas páginas do jornal na matéria de capa “*Maravilha: O encontro com o desenvolvimento*” da edição de fevereiro de 1967. Município que, segundo o jornal, teve aspiração para crescer e se desenvolver, e para isso a “Comuna do Oeste Catarinense que assustadoramente investiu para o progresso, Maravilha, por seus líderes, aspirou de uns tempos para cá, ser sede de Comarca¹⁴. Contatamos aqui que o desenvolvimento, ou a investidura no progresso, estava associada a instalação de um aparato estatal para garantir a lei.

Surge também em “*S. Lourenço vive o apogeu do progresso*”¹⁵, aqui o município de São Lourenço, no oeste catarinense, segundo o jornal, “desde que passou a receber energia elétrica permanente vem investindo numa fase de franco progresso.” Coincidentemente uns dois maiores patrocinadores do jornal encarava a energia elétrica como *Progresso!*

Aparece em falas de algumas autoridades como a do secretário da SNO, Serafim Bertaso¹⁶, quando o jornal publica uma mensagem sua na capa da edição, referente a aquisição de tratores importados. “Já se incorporou na sabedoria popular e que governar é

¹¹ Fôlha do d’Oeste N 109 de 22 de julho de 1967

¹² Fôlha do d’Oeste N 107 de 08 de julho de 1967 e N 110 de 29 de julho de 1967

¹³ Fôlha do d’Oeste N 126 de 02 de dezembro de 1967

¹⁴ Segundo o CNJ, a comarca corresponde ao território em que o juiz de primeiro grau irá exercer sua jurisdição e pode abranger um ou mais municípios. Fato que o correu com o município de Maravilha-SC no ano de 1967.

¹⁵ Fôlha do d’Oeste N 112 de 19 de agosto de 1967

¹⁶ Como já foi exposto, o jornal mudou-se para Chapecó através do seu convite e com a intenção de usar suas páginas para divulgar as atividades da SNO. Ver mais em (SIQUEIRA, 2016).

abrir estradas. Abrir, alargar e ampliar as vias de circulação de riquezas” ... “aproximar o Oeste dos centros de consumo e criar condições de desenvolvimento e progresso da região.”¹⁷ Aqui a exposição do ideal de progresso não é do jornal, mas sim de uma figura importante da sociedade chapecoense. Vemos o que SILVA & HASS colocam como o ideal de progresso em prol de uma hegemonia e a sua influencia vinda dos decedentes de colonos europeus. Contudo, essa visão do progresso, como veremos a frente, também é partilhada pelo do jornal e seu diretor, Homero Franco. Cujas histórias de vida são semelhantes a outras figuras importantes vindas do Rio Grande Do Sul que se instalaram em Chapecó e na região.

Para SILVA & HASS, um momento crucial para a virada em direção a um novo ideal de progresso foi a realização da primeira EFAPI, ela “tornou-se o símbolo de nascimento de uma nova Chapecó: existia, nesta narrativa, um município antes e outro depois dos festejos de 1967.” (SILVA & HASS, 2017, pp. 363-364) O *Fôlha d’Oeste* reserva uma capa inteira para tratar do evento. Ele coloca que:

A expressão econômica-agro-industrial da região vem demonstrando que o Oeste Catarinense não pode parar por aqui, deve prosseguir sua caminhada, em oportunidades futuras, novas demonstrações de sua pujança e com isso chamando atenção das autoridades federais e estaduais para a adequação dos problemas que ainda entravam grande parte de nosso progresso moral e material, tais como estradas, escolas de nível superior, maior assistência ao trabalhador dos campos e da cidade, e vias de comunicações ... para o desafogamento de nossa economia.¹⁸

Aqui o ideal de progresso propagado pelo jornal começa a ficar mais claro, ele até enumera o que seria ao seu entender o progresso. O interessante é que mesmo contendo coisas que não identificamos em outra parte do jornal ligadas ao progresso, tal como educação, todas elas têm uma única finalidade: o crescimento econômico.

Identificamos também que esse ideal de progresso no jornal está muito ligado a figura do seu editor chefe, Homero Franco. Em uma publicação intitulada “*Como vi o ano de 1967*” ele escreve:

Por tudo isso esperamos que o ano de 1967 seja o espelho para que os erros sejam evitados e para que as coisas boas sejam aperfeiçoadas. Em nosso nome, em nome da família e da empresa que dirigimos auguramos muito progresso a todos, muito acerto aos nossos governos, muito proveito aos homens que planificam para o

¹⁷ Fôlha do d’Oeste N 100 de 10 de maio de 1967

¹⁸ Fôlha do d’Oeste N 118 de 07 de outubro de 1967

futuro, muita paz em todos os cantos do mundo, e que o PROGRESSO seja a divisa de todos os nossos leitores e amigos.¹⁹

Na publicação ele lamenta o ano para o comércio e para os assalariados, coloca que 1967 foi um ano de “Barriga Vazia”. Projetos importantes como a BR-282 e a ponte do Goioen não se concretizaram. Já a política nacional continuava dentro dos limites que a “Revolução” de março de 1964 tinha planejado, estava “apenas passando por um processo de resfriamento, pois a nova Constituição deu mais mobilidade aos homens de oposição e pouco a pouco começam a surgir as facções contrárias que, até então estavam silenciadas.”²⁰ Trecho que fazia referência aos movimentos de oposição ao regime civil-militar. Contudo, a realização da EFAPI foi uma vitória e o progresso era profetizado.

Em 1968, na matéria de capa do Fôlha do d’Oeste intitulada “*Por que a BR- 282 é a rodovia da integração Catarinense*”, a temática começa a fazer parte do ideal de progresso. O jornal destaca o fato dela se situar inteiramente dentro do Estado de Santa Catarina, o que traria uma ligação do isolado Oeste com a capital do estado, e uma conseqüente ligação com as demais capitais do sul do país. Mas o mais importante seria o serviço que ela prestaria para a produção agrícola e para a agroindústria, ela “daria um passo gigante para o progresso quando o transporte lhe é facilitado”.²¹

Na matéria de capa “*TV uma realidade em Chapecó*”²², o jornal publica um pronunciamento do presidente da TV Clube de Chapecó, Setembrino Zanchet. Ele faz um esclarecimento sobre a aquisição de aparelhos de TV, o pagamento da cota para o clube e a reprodução da programação da TV Piratini²³. Contudo, todo esse empreendimento tinha um custo elevado.

Para cobrir essas despesas, estamos contando com a colaboração dos Poderes Públicos – Secretaria dos Negócios do Oeste e Prefeitura Municipal – e dos homens de boa vontade que desejam progresso e bem estar para a nossa terra, principalmente dos que possuem poder aquisitivo.²⁴

O progresso tinha chegado à Chapecó, mas apenas, mesmo com a ajuda do poder público, aos que possuam poder aquisitivo.

¹⁹ Fôlha do d’Oeste N 129 de 25 de dezembro de 1967

²⁰ Ibidem

²¹ Fôlha do d’Oeste N 137 de 24 de fevereiro de 1968

²² Fôlha do d’Oeste N 155 de 06 de julho de 1968

²³ A TV Piratini tinha sede em Porto Alegre e retransmitia a programação da TV Tupi.

²⁴ Fôlha do d’Oeste N 155 de 06 de julho de 1968

Diferente das grandes matérias de capa sobre o progresso e de outras realizações do atribuídas ao regime civil-militar, o Fôlha do d'Oeste publicou apenas uma pequena matéria sobre o decreto do novo Ato Institucional nº 5. Sem questionar, o jornal publica os motivos apresentados pelo Ministro da Justiça:

“a Revolução de 31 de março de 1964, trouxe momentos de paz para a família brasileira e vem lutando pela recuperação econômica do País, apesar de haver setores interessados na desmoralização e o retorno do passo de inquietudes e badernas.”²⁵

Figura 2: Costa e Silva e o AI 5. ²⁶

Costa e Silva baixa nove ato institucional e decreta o fechamento do Congresso Nacional

Brasília, 13, (PO) - a família brasileira e vem lutando pela recuperação econômica do País, apesar de haver setores interessados na desmoralização e o retorno do passo de inquietudes e badernas.

Em virtude da crise política gerada com a negativa do Congresso para que o Deputado Márcio Alves fosse processado na Justiça, por crime de desrespeito às forças armadas, o Presidente Costa e Silva editou novo Ato Institucional, que levou o número cinco, suspendendo todas as garantias constitucionais de vitaliciedade, de habeas corpus e de privilégios de foro especial.

Em razão do novo Ato, foi, também, baixado o Ato Complementar número 38, de terminando o fechamento do Congresso Nacional, que somente voltará a funcionar mediante a exclusão con vocação do Presidente da República.

Gama e Silva explica o motivo

O Ministro da Justiça, comparecendo frente às câmaras de uma cadeia de rádio e televisão, explicou ao povo brasileiro os motivos pelos quais o Presidente Costa e Silva tomava essa medida de exceção. Asegurou o sr. Gama e Silva que a Revolução de 31 de março de 1964, trouxe momentos de paz para

o administrativo e político não estejam em sintonia com a revolução.

do administrativo e político não estejam em sintonia com a revolução. Muitas comunas sofrerão intervenção federal nos próximos dias.

Intervenções nos Estados e Municípios

O mesmo Ato Institucional nº 5, autoriza poderes ao Presidente da República para decretar a intervenção nos Estados, Territórios e Municípios, onde os homens públicos de seu comando

Presidente Costa e Silva que na data de 13 do corrente, baixou novo ato institucional e decretou o fechamento do Congresso Nacional.

Novas cassações

Os meios políticos nacionais, aguardam para as próximas horas a cassação de novos mandatos e a suspensão dos direitos políticos de uma expressiva parcela de homens públicos tidos como inimigos da revolução, pois o Ato baixado dá amplos poderes ao Presidente da República de promover todos esses atos, por simples proposta do Conselho de Segurança Nacional. Um dos primeiros usas

Real Foto Estúdio

DE Vitorino B. Zolet

Côres! Alegrias! Sorrisos! NATAL! Vozes festivas. Sons pelos ares. Paz. Nessa data tão cheia de encanto, de tristezas, desejamos a todos os nossos preteridos e amigos, os mais sinceros votos de um FELIZ NATAL E PROSPERO ANO NOVO.

MADEREST S/A - Ind. e Com.

formula votos de FELIZ NATAL, e de um 1969 cheio de prosperidade e grandes realizações a todos os seus clientes, fornecedores, colaboradores e amigos. E leva sua saudação especial às autoridades constituídas, federais, estaduais e municipais e ao quadro de funcionários das Organizações Armado Mendes.

Que as alegrias do Natal se estendam durante todo 1969.

Chapecoé, Natal de 1968.

Ginásio São Francisco

"De até Deus. Lá encontrarei um Menino delgado num presépio, entre as palhas. Adorá-lo!"

Nesta data festiva e ao mesmo tempo de reflexão, quando os homens extenuados ante a humilde figura de um Menino, sentem o apelo de amarem-se como irmãos, esquecendo o ódio, o rancor, a hipocrisia, congratulamo-nos com as autoridades, professores, pais e alunos e desejamos um FELIZ NATAL, e auspícios infundidos de um PRISPERO ANO NOVO.

A Direção

Natal de 1968

A professor Marialva Barbosa usa em seu livro um trecho do depoimento do Jornalista Paulo Branco que nos ajuda a entender este comportamento do jornal.

Depois, quando fui trabalhar na *Globo*, a política - é uma coisa curiosa - ficava lá pela 13ª, 15ª página. As páginas 2 e 3 vinhas com notícias de Cedae, engarrafamento de trânsito. Foi uma época que marcou o sepultamento da política da política. Era mais importante o engarrafamento do que uma matéria de âmbito nacional, uma medida do presidente da República, um discurso no Congresso. As medidas econômicas não, essas eram sempre muito divulgadas, muito badaladas. A economia

²⁵ Fôlha do d'Oeste N 179 de 25 de dezembro de 1968

²⁶ Fôlha do d'Oeste Edição N 179 de 25 de dezembro de 1968

tinha um peso muito significativo naquela época. (Branco, Paulo. *Depoimento ao CPDOC. Rio de Janeiro, CPDOC/Alerj, 1998*) (BARBOSA, 2007, p. 175)

Partido deste ponto, nosso argumento é que a crescente quantidade de matérias que fazem referência ao progresso nos anos de 1969 e 1970 estão ligadas, além dos argumentos já apresentados por SILVA & HASS, a uma influencia da dinâmica nacional, promovidas pelo regime civil-militar, de valorização das questões econômicas, um esfriamento das questões políticas, uma associação com questões cívicas e conquistas nacionais. Juntamente com este aumento das questões econômicas e o progresso, vemos nas publicações do o Fôlha do d'Oeste uma ampliação nas matérias com abordagens ou figuras importantes atreladas ao regime militar. As próximas páginas são dedicadas a análises destas matérias.

Na primeira edição de 1969, o jornal apresenta uma publicação chamada “*Evolução e Revolução*”²⁷. Ele apresenta a evolução como um processo natural em uma analogia onde as pessoas eram as células vivas da nação e a revolução um processo forçado, mas que ativava as células cansadas. Esta analogia serve para apresentar, e justificar, a interferência da ditadura, principalmente com o último Ato Institucional. A evolução natural teria falhado, problemas como inflação e corrupção seriam fruto dela. Já a “revolução veio. Primeiro, interpretada como mais um golpe de Estado. Depois ratificada por medidas que deixaram claras a revolução de recuperar o País.”²⁸ Essa intervenção seria para o bem maior, para livrar o Brasil de quem queria derrubá-lo e levantar a moral. “Se faça a limpeza, pague quem realmente tem que pagar e as coisas mudarão de caminho, para o bem, para a calma, para o progresso, para a evolução nacional em ritmo acelerado.”²⁹

A “ordem e progresso” estão claramente atrelados. Em uma matéria sobre o município de São Miguel do Oeste, localizado no extremo oeste catarinense, e intitulada “*Todos os detalhes provam: aqui há progresso de tato*”³⁰, os argumentos usados para corroborar com o título são a existência de um poder judiciário e uma força policial para manter a ordem, além do setor religioso que se destacava coma a construção da Igreja Matriz. A reportagem dinda com desejos de um bom futuro para a cidade, onde ela “possa comemorar muitos e muitos

²⁷ Fôlha do d'Oeste N 180 de 11 de janeiro de 1969

²⁸ Ibidem

²⁹ Ibidem

³⁰ Fôlha do d'Oeste N 185 de 15 de fevereiro de 1969

anos de progresso” e que o poder público “continue tendo forças para alcançar maiores frutos no progresso.”³¹

“*Oeste em tempos de paz e prosperidade*”³² é manchete de capa do Fôlha do d’Oeste para apresentar, novamente, a aquisição de 24 tratores iugoslavos, mais do que isso é uma das várias matéria de divulgação da Secretaria dos Negócios do Oeste e dos feitos do seu responsável, Serafim Bertaso. Personalidade que, segundo o jornal, governava o Oeste há quase seis anos e transformou uma terra abandonada, que vivia no desespero e na descrença. Agora tudo tinha mudado, eram mais estradas, mais tratores e mais progresso. Ou nas palavras do secretário:

Exatamente há dois anos atrás, quando todas as prefeituras da região sentiam a grande dificuldade para trazer o progresso ao seu município, para desbravar os sertões que ainda existiam aqui no Oeste Catarinense, era feita a entrega aos prefeitos, das máquinas da primeira importação.³³

No mesmo ano o periódico lançou uma campanha publicitária batizada “*Nós somos tratôres*”³⁴. Ela servia de divulgação do próprio meio de comunicação. A analogia era que tratores abriam estradas e o jornal, no seu pioneirismo no Oeste Catarinense, “abriu caminho por entre flores e espinhos, entre pedras e rosas” para ter uma penetração nas mais distantes localidades. “Por isso, permitam a expressão, ‘somos tratôres’ e continuaremos abrir novas retas, largas e boas estradas. Por essas estradas queremos conduzir o progresso e a valorização do oeste em todos os sentidos.”³⁵ O jornal deixa clara essa associação em outras matérias também, como em “novas estradas – mais progresso”³⁶.

Para além dos políticos locais, as grandes autoridades da ditadura civil-militar começam aparecer com mais frequência nas páginas do Fôlha do d’Oeste. Na edição de 15 março de 1969, o periódico chapecoense destaca em sua capa a possível vinda de Costa e Silva para a cidade. A sua presença seria uma oportunidade para ele ver a “grandiosidade econômica do Oeste.” Em outra edição com uma manchete que ocupava meia capa e escrita com letras garrafais: “*COSTA E SILVA NO SEU 2.º MANDATO*”³⁷, o jornal rasga elogios ao mandatário mor. Ele é visto como o presidente que vai ser “apontado pela História como o

³¹ Fôlha do d’Oeste N 185 de 15 de fevereiro de 1969

³² Fôlha do d’Oeste N 188 de 08 de março de 1969

³³ Ibidem

³⁴ Fôlha do d’Oeste N 209 de 09 de agosto de 1969

³⁵ Ibidem

³⁶ Fôlha do d’Oeste N 261 de 29 de agosto de 1970

³⁷ Fôlha do d’Oeste N 190 de 22 de março de 1969

chefe de governo que multiplicou o Brasil”, em que a “aceleração do ritmo criador justifica a fé no futuro do Brasil.” Ou simplesmente o “homem que tem dado provas de progresso”³⁸. Na mesma edição o jornal publicou a assinatura do Ato Institucional nº7 pelo presidente da república, mas em outra página e sem comentários alusivos.

Em um momento de milagre econômico propagado pela ditadura civil-militar, era preciso afastar qualquer pessimismo e incredulidade em relação a economia do país. Para isso, o Fôlha publicou um texto com o título: “*O IBGE desmente o Brasil*”

Não leitor, não se assuste. O fato que vamos comentar é, sem dúvida, a prova material, indiscutível, do nosso crescimento, progresso indiscutível, desenvolvimento pleno, que está em desacordo com o nosso pessimismo, com essa onda de descrédito que se tornou o apanágio brasileiro. Quem lê as estatísticas, assim como as demais publicações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acaba verificando que a realidade dos números desmente o pessimismo nacional.³⁹

Para que todos seguissem o mesmo ideal, era preciso afastar algumas ideias e reafirmar outras: “*O país está em progresso.*”⁴⁰ Interessante é que apenas três edições depois desta publicação, o responsável pelo IBGE em Chapecó, Avelino Royer, publica uma carta de “*DESPEDIDA*”⁴¹ no jornal. Ele informa que, a pedido do próprio presidente da instituição, foi promovido para supervisor de estatística em Florianópolis. Por fim, agradece a SNO, a Prefeitura Municipal e ao Fôlha do d’Oeste.

O ideal de progresso começa a se alinhar a outros sentimentos importantes para o regime civil-militar, como o civismo e o patriotismo. Na manchete de capa da “Semana da Patria”⁴² o periódico declara:

Nesta data todo o povo brasileiro comunga dos mais [...] anseios de paz e liberdade. Reverencia o Pavilhão Nacional numa evocação às tradições e aos antepassados. Como também manifesta sua fé e confiança num Brasil mais forte, mais poderoso e progressista.⁴³

³⁸ Ibidem

³⁹ Fôlha do d’Oeste N 206 de 12 de julho de 1969

⁴⁰ Ibidem

⁴¹ Fôlha do d’Oeste N 209 de 09 de agosto de 1969

⁴² Fôlha do d’Oeste N 213 de 06 de setembro de 1969

⁴³ Fôlha do d’Oeste N 213 de 06 de setembro de 1969

Figura 3: Semana da pátria.⁴⁴

Semana da Pátria

"Amá com fé e orgulho
terra onde nasceste".
O cidadão que a cada
ano se repete por ocasião da
Semana da Pátria, neste ano pa-
rece ser mais eloquente, mais
efusivo, muito mais sincero. Nes-
ta semana sentimos toda a ex-
tensão de nosso amor cívico,
toda a grandeza da fraternidade
humana. Vivemos a lembrança
de quantos amaram e digni-
ficaram o torrão brasileiro, de
quantos o reverenciaram e lhe
deram a própria vida na certeza
de um ideal superior.

Nesta data todo o povo
brasileiro comemora dos mais lídi-
mos anseios de paz e liberdade.
Reverencia o Pavilhão
Nacional, numa evocação às
tradições e aos antepassados,
como também manifesta sua fé
e sua confiança num Brasil
mais forte, mais poderosa e
mais progressista.

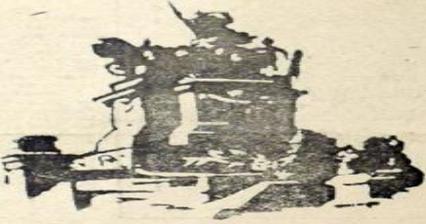
O desenvolvimento bras-
ileiro é um imperativo das nos-
sas potencialidades, do patriotis-
mo de nosso povo, das tradi-
ções que lhe embasam a his-
tória, do fundamento cristão e
humanista da própria sociedade.

Há de ser elevação, cer-
tamente, pela educação, moral,
educacional, material e políti-
ca, pelo esforço ingente de to-
dos, em especial, pela integra-
ção constante e harmônica do
poder público e da iniciativa
privada.

Vivemos o momento de
maior surto do nosso desenvol-
vimento. O Brasil cresce a cada
momento, não apenas em popu-
lação, mas, também, em insti-
tuições, em economia, em aper-
feiçoamento tecnológico. Proje-
ta-se na luta pela erradicação
de suas deficiências básicas.

Firma-se no consenso co-
mum pelo espírito de nacionalis-
dade e patriotismo de seus di-
rigentes. Lança-se na busca de
seu verdadeiro e grandioso des-
tino.

Os imperativos de ontem
são os imperativos de hoje, se-
rão os imperativos de amanhã.
Isto porque o patriotismo, o
trabalho, a paz, a liberdade e o
heroísmo são e serão sempre
os princípios universais, presu-
postos de vida em cidadania,
alicerces da democracia autên-
tica.



PROGRAMA DO DIA ?

Guarda de honra do Fogo Simbólico:
Das 6,00 às 18,00 hs. a cargo do
Colégio Bom Pastor e Ginásio Dr.
Serafim Bertaso.

Às 6,00 hs.:
Toque da Alvorada pelo 2º Bata-
lhão, repique de sinos, saiva de rajões.

Às 8,00 hs.:
Hasteamento da Bandeira Nacional.

Às 8,30 hs.:
Concentração na praça E. Bertaso com
o seguinte programa:

Canto do Hino Nacional; Saudação
alusiva à data; Saudação oficial,
pelo Sr. Rodolfo Maurício Hirsch,
Prefeito Municipal; Missas solenes,
celebrada por Dom José Gomes,
Bispo Diocesano; Desfile militar, es-
colar, esportivo e de entidades de
classe.

Às 14,00 hs.:
Início do programa esportivo, a car-
go da Comissão Municipal de Es-
portes.

Às 18,00 hs.:
Arrição da Bandeira Nacional e
extinção do Fogo Simbólico, com
a presença de autoridades, educar-
dários e povo em geral.

Orador:
Ten. Cel. Décio José do Lago,
Cmte. do 2º BPM.

Ele também esclarece onde o país progredia: “Vivemos o momento do maior surto do nosso desenvolvimento. O Brasil cresce a cada momento, não apenas em população, mas, também, em instituições, em economia, em aperfeiçoamento tecnológico.”⁴⁵ Mais uma vez o jornal associa o progresso a questões econômicas.

Em duas edições seguidas o Fôlha do d'Oeste estampa na capa a homologação do nome do general Emílio Garrastazu Médici para Presidente da República. O jornal faz uma descrição do futuro presidente, “Êste homem, general de quatro estrelas é marcado por um espírito reflexivo, mas silencioso”⁴⁶. Também coloca as intenções para o futuro do Brasil, em que a sua preocupação está “voltada constantemente para a política-econômica-financeira que pretende imprimir para o País”⁴⁷ e onde “todos os brasileiros assistiram as cerimônias, pelo rádio e pela televisão, dentro da maior esperança, pois o Presidente Médici catalisa para si, os 90 milhões de brasileiros, que esperam dêle o fortalecimento da nossa economia”⁴⁸. Na edição também é anunciada a composição do ministério, entre eles o ministro da Fazenda, Delfim Neto. Estas duas matérias do jornal exprimem bem o aumento das figuras importantes da

⁴⁴ Ibidem

⁴⁵ Ibidem

⁴⁶ Fôlha do d'Oeste N 220 de 25 de outubro de 1969

⁴⁷ Ibidem

⁴⁸ Fôlha do d'Oeste N 221 de 01 de novembro de 1969

ditadura em suas folhas e sua preocupação com questões econômica em detrimento a outros aspectos.

O ano de 1970 começa com uma “indomável sêde de progresso”⁴⁹. Na Capa da edição, o Fôlha do d’Oeste faz uma matéria sobre a participação prefeito eleito, João Destri, em um seminário de administração pública realizado na Faculdade de Ciências Econômicas da UFSC. Ele destaca:

O progresso e a crescente esquematização municipal, exigida para real funcionamento dos setores municipais, de certa maneira, serão como base fundamental, exigem que os mandatários, aqueles que têm em suas mãos o destino de seu município, tenham condições essenciais para o constante “aggiornamento”⁵⁰ da política administrativa.⁵¹

Além de enfatizar que o progresso exige uma preparação e uma atualização por parte de quem o comanda, o jornal prega uma “unidade de tôdas as facções políticas municipais em tôrno de um objetivo comum, qual seja, o progresso sempre crescente de Chapecó”⁵². Esse ideal era maior que tudo e não “entra na cabeça que é dado o direito a alguém para que possa entravar o progresso e, por si mesmo, considerar-se isento de responsabilidade pelo que possa acontecer”⁵³.

Assim como a abertura das estradas, outros caminhos atraíam o progresso. Na propaganda para a rede de energia elétrica era anunciado:

Olhe para acima: há algo de novo no ar. São as linhas do progresso levadas pela CELESC. Agora olhe a sua volta. Veja como a paisagem se transforma rapidamente: postes vão sendo fincados, 6.000 km de fios riscam os céus conduzindo a energia necessária para o desenvolvimento.⁵⁴

Mais uma mensagem de apoio, ou mais que isso, à ditadura civil-militar e ao progresso estampam a capa de uma edição do Fôlha do d’Oeste. Em o “*BRASILEIROS COMEMORAM O ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO*”⁵⁵ o jornal comemora que “nos seis anos de sua ação redentora, a Revolução conseguiu o milagre da pacificação, da ordem, do trabalho e do respeito” ... “está aí o sexto aniversário da revolução, trazendo para os brasileiros um

⁴⁹ Fôlha do d’Oeste N 231 de 17 de janeiro de 1970

⁵⁰ Termo italiano que significa atualização.

⁵¹ Fôlha do d’Oeste N 231 de 17 de janeiro de 1970

⁵² Ibidem

⁵³ Ibidem

⁵⁴ Fôlha do d’Oeste N 233 de 07 de fevereiro de 1970

⁵⁵ Fôlha do d’Oeste N 239 de 31 de março de 1970

novo apêlo ao trabalho, um novo conclave no sentido dinâmico do progresso⁵⁶. O jornal aproveita o aniversário da “revolução” para comemorar o seu, para ele, ambos despertavam em “UMA CLARINADA DE SEIS ANOS”⁵⁷ e era importante o apoio dos leitores para que continuem progredindo. A mesma expressão foi usada para comemorar a indicação, por parte do Presidente Médici, do futuro governador do estado, Colombo Machado Salles⁵⁸: “Nosso estado pode ensaiar uma clarinada de muito progresso...”⁵⁹

Figura 7: Brasileiros comemora aniversário da revolução⁶⁰

BRASILEIROS COMEMORAM ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO

Em todo o país, o dia de hoje simbolizou diversas comemorações alusivas ao sexto aniversário da Revolução Brasileira, deflagrada num instante angustioso para a vida das instituições nacionais e objetivando estancar a onda de greves, indisciplina, anarquia, desmandos e infiltração comunista nas bases políticas e sindicais da Nação.

Nos seis anos de sua ação redentora, a Revolução conseguiu o milagre da pacificação, da ordem, do trabalho e do respeito, ao mesmo tempo em que os governos dos eminentes brasileiros Castelo Branco, Costa e Silva e Garrastazu Médici, multiplicavam os quilômetros de asfalto, as vagas nas universidades, a potência energética instalada, as comunicações, os transportes marítimos, paralelamente com a contenção da alta do custo de vida, através do combate à inflação e o aumento considerável do produto bruto interno.

Está aí o sexto aniversário da Revolução, trazendo para os brasileiros um novo apêlo ao trabalho, um novo conclave no sentido dinâmico do progresso, que se resume na seriedade, na constância e acima de tudo na consciência de querer um Brasil melhor, mais humano, mais nosso.

Comissão de Saúde se reúne dia 6

Fruto do trabalho que a Sociedade Amigos de Chapecó realiza em prol do Município e da região, já está formada a Comissão de Saúde que vai trabalhar no meio rural, principalmente, combatendo verminose e ensinando métodos sanitários ao habitante do

FÔLHA D'OESTE EDIÇÃO ESTADUAL

⁵⁶ Ibidem

⁵⁷ Ibidem

⁵⁸ Foi um dos chamados governadores biônicos, exerceu o mandato de 1971 até 1975.

⁵⁹ Fôlha do d'Oeste N 244 de 02 de maio de 1970

⁶⁰ Ibidem

Figura 2: Uma clarinada de 6 anos.⁶¹

Para o Fôlha do d'Oeste, um órgão que que facilitasse a integração entre produtores e a agroindústria, como no caso do Conselho de Desenvolvimento Municipal – CDM, do município de Seara – SC, era considerado um “organismo propulsor do progresso.”⁶² Mais uma vez o corpo vital do progresso era a economia. Mas para além da vida terrena, a morte de um lutador do progresso também era notícia. Como publicação de capa: “*Desaparece um lutador do progresso*”,⁶³ que anuncia a morte de Paulo Marques, um “homem de muitos empreendimentos na cidade de Chapecó”. Fundador do Clube Recreativo Chapecoense-CRC, do Aeroclube e eleito Deputado Federal.

O progresso também é visto no investimento por parte do governo em empresas ou entidades privadas. Em “*FARNCISCO GRILLO NO OESTE: MAIS DINHEIRO PARA O PROGRASSO*”⁶⁴ o jornal divulga a vinda do diretor do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul – BRDE, para a entrega de um cheque à COOPERCHAPECÓ destinado a construção da sede própria e do parque agroindustrial. Também na abertura e empresas, como quando o periódico chapecoense fez grande matéria publicitária de uma página inteira para divulgar a inauguração de uma loja especializada em eletrônica. O nome do estabelecimento e o que o ato representava estavam no título: “*LUIZ INNOCENTE: um passo gigante para o*

⁶¹ Fôlha do d'Oeste N 239 de 31 de março de 1970.

⁶² Fôlha do d'Oeste N 192 de 05 de abril de 1969

⁶³ Fôlha do d'Oeste N 200 de 31 de maio de 1969

⁶⁴ Fôlha do d'Oeste N 242 de 18 de abril de 1970

progresso”⁶⁵. O evento era tão representativo que recebeu a benção do padre e teve a fita de inauguração cortada pelo representante do Batalhão de Polícia de Chapecó.

Na edição de especial de 25 de julho de 1970, feita para a comemoração do dia do agricultor e motorista. O Fôlha do d’Oeste coloca que o “Brasil está em festa hoje. Homenageados agricultores e motoristas, os sustentáculos do progresso nacional”⁶⁶. Com o nome de FÔLHA D’OESTE RURAL, a edição faz uma homenagem as duas classes e “cede” várias páginas para entidades e empresas locais fazerem o mesmo. Na mesma homenagem, o jornal deixa claro que pretende dobrar o número de exemplares com a ajuda das cooperativas e sindicatos. Para isso, o interessado deve procurar umas dessas entidades ou encaminhar uma carta para determinada caixa postal.

“*Muitas autoridades visitaram o Oeste e constaram seu crescente progresso*”⁶⁷ é a manchete de capa reservada para divulgar a visita de parte do alto escalão do regime civil-militar à Chapecó. Entre elas estavam o presidente do Banco do Brasil Nestor Jost, o ministro da Agricultura Cirne Lima e o ministro da Fazenda Delfim Netto. O jornal usou também seu editorial para tratar do fato, nele escreveu como povo do Oeste deveria se sentir honrado com a visita, que significava o reconhecimento da capacidade produtiva do município, ganhado até uma nova denominação: “capital catarinense da produção”. Autoridades locais aproveitaram a oportunidade para se manifestarem, o prefeito João Destri e o secretário da SNO, Plínio Arlindo de Nes, algumas entidades como a Associação Comercial e Industrial de Chapecó e Cooperativa Central do Oeste Catarinense, usaram as páginas do Fôlha para saudar as autoridades

A aproximação do ideal de progresso entre o Fôlha do d’Oeste e a ditadura se estreita também em momentos cívicos. “*Apoteótico o dia da Pátria*”⁶⁸ estampava a capa em comemoração do Sete de Setembro. Logo após o título, uma mensagem em caixa alta trazia a seguinte informação:

Chapecó saiu as ruas com a juventude no dia da pátria para dar testemunho do seu amor ao Brasil e confiança em seu grande destino social no mundo e, sob o azul-ouro do céu e do sol, revelar o Brasil novo, pujante, destemeroso e tranquilo, que escolheu itinerário irreversível para a frente, em amplo caminho linear da evolução para o progresso e do progresso para o desenvolvimento. Senão a força de Deus,

⁶⁵ Fôlha do d’Oeste N 225 de 29 de novembro de 1969

⁶⁶ Fôlha do d’Oeste RURAL Edição comemorativa - N I de 25 de julho de 1970

⁶⁷ Fôlha do d’Oeste N 259 de 12 de agosto de 1970

⁶⁸ Fôlha do d’Oeste N 263 de 12 de setembro de 1970

outra força nenhuma deterá este país levado pela energia de união fraternidade do seu povo.⁶⁹

Figura 8: Apoteótico Dia da Pátria.⁷⁰

cesso em muitos municípios do Oeste, através de unidades móveis motorizadas, do Ministério da Saúde. Já atingiu Jossaba, Xanxerê e Xaxim e breve estará em Chapecó e outros municípios do Extremo Oeste.

EFAPÍ — Prosseguem acelerados os trabalhos da EFAPÍ. Suas comissões trabalham incessantemente, visando repetir e ultrapassar o sucesso da primeira.

Eletificação — Através de recursos do ex-INDA, hoje INCRA, a Secretaria do Oeste começará estudos técnicos para eletrificação rural em toda a região, contando com 3 milhões de cruzetiros.

Cadastro — O levantamento cadastral da prefeitura municipal de Chapecó, escala de ser contrastado com a SOTEPLAN. Nos próximos dias o trabalho será iniciado.

Apoteótico o dia da Pátria

CHAPECÓ SAIU AS RUAS COM A SUA JUVENTUDE NO DIA DA PÁTRIA PARA DAR TESTEMUNHO DE SEU AMOR AO BRASIL E CONFIANÇA EM SEU GRANDE DESTINO SOCIAL NO MUNDO E, SOB O AZUL-OURO DO CÉU E DO SOL, REVELAR O BRASIL NÓVO, PUJANTE, DESTEMEROSO E TRANQUILO, QUE ESCOLHEU ITINERÁRIO IRREVERSÍVEL PARA A FRENTE. EM AMPLO CAMINHO LINEAR DA EVOLUÇÃO PARA O PROGRESSO E DO PROGRESSO PARA O DESENVOLVIMENTO. SENÃO A FORÇA DE DEUS, OUTRA FORÇA NENHUMA DETERÁ ESTE PAÍS LEVADO PELA ENERGIA DE UNIÃO E FRATERNIDADE DO SEU POVO.

Chapecó deu mais um testemunho de seu civismo, de seu amor ao Brasil quando, no dia 7, DIA DA PÁTRIA, ocorreu em massa, nas representações de suas escolas, de seus colégios, de seus ginásios, de suas associações atléticas e esportivas, de seus soldados e, finalmente, de seu povo, ao desfile de encerramento das comemorações da fundamental data da independência política do Brasil. Nós aliás não estranhamos esse testemunho de civismo e de patriotismo dos chapecoenses porque estamos habituados a vê-los nas suas espontâneas demonstrações de exteriorizar a sua brasilidade, de revelar os recônditos de seu nacionalismo.

Entretanto, a cada etapa de evocações do magno evento, que libertou o país da retro

cesso colonial, o civismo da gente de Chapecó se intensifica com entusiasmo expressivo para se ratificar como naquele 7 de Setembro, agora empolgando em igualdade de condições crianças, juventude e homens na maturidade.

O desfile

A manhã de 7 de Setembro em nossa cidade estava de clima incerto, céu um pouco nebuloso e frio, pois às vésperas chovera bastante. O ar ainda úmido, sol de precária luminosidade...

Sob esse clima, contudo, o desfile foi iniciado ao longo da Avenida Getúlio Var-

gas. Nas laterais desta, em toda a extensão do ambiente da movimentação da juventude a multidão era densa e formava um bloco de entusiasmo da assistência da infância e adultos. Gente de todas idades e de todas as classes sociais nivelada no grande encontro de civismo, na magnífica manifestação de solidariedade nos atos de veneração ao Brasil e sua data ce estupefacção de esforço, de bravura e de persistência na luta travada desde o martírio de Felipe dos Santos e o sacrifício de Tiradentes até o instante emocional em que, às margens do pequenissimo rio, o Riachuelo dos paulistas, Dom Pedro I, sob presênça patriótica de José Bonifácio de Andrade e Silva, que representava o Brasil vigilante e consciente, deu o grito que estava engasgado no peito e nos co-

rações de todos os brasileiros angustiados pela necessidade de uma independência, visto como não lhes bastava para os ideais do desenvolvimento a relativa e condicionada liberdade que presumivelmente podiam fruir.

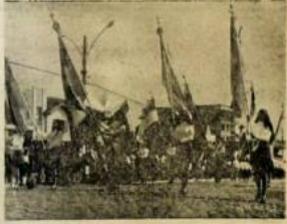
À proporção, porém, que a juventude desfilava pela ampla e longa avenida o solvenceu a nebulosidade dos céus e se derramou por toda a cidade para mais aquecer o calor das manifestações da grande marcha, que um Brasil novo de agora, de fato anda para frente ao encontro de seu futuro de gigante que, finalmente, acordou e se ergueu de seu berço esplêndido da natureza para empolgar o colossal berço de sua posse geográfica...

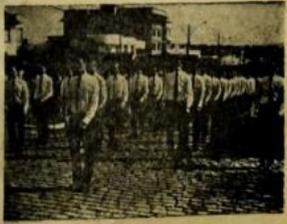
Não foi omitida nenhuma organização de ensino, em que par-

tecipam infância e juventude, que não tivessem desfilado pela Getúlio Vargas até o ponto terminal, que foi à frente da Igreja Santo Antônio, fechando a fila da marcha emotiva o 2º Batalhão da Polícia Militar de Chapecó.

Nesse local a dispersão se fez após o toque e canto do Hino Nacional que recrudescceu de sua vibração musical e poética pelas vozes dos participantes da espetacular festa cívica da juventude em particular e dos chapecoenses em geral.

Ficará indelével na lembrança de quem o assistiu o grande desfile de encerramento em fatiado extraordinariamente pela presença da juventude e a fé cívica e vibrante da lealdade de Chapecó de todas as idades.





Quando mais entramos nos anos 1970, mais clara fica a aproximação do jornal, o progresso e ao discurso da ditadura civil-militar atrelados a episódios importantes. O que nos mostra que a “imprensa sempre teve relação simbiótica com a política, ocupando lugar central em muitos episódios decisivos da história do país”. (BARBOSA, 2007, p. 176)

A questão econômica e o progresso têm uma íntima relação nas páginas do Fôlha, principalmente a economia da agroindústria. Tanto que para o periódico chapecoense “SAIC e o Oeste complementam-se no progresso”⁷¹. Em uma grande propaganda do Frigorífico Chapecó o jornal escreve que “na evolução histórica e progressista do SAIC e da Região Oeste, há um traço tão íntimo que não nos permite vê-los a não ser numa fusão do progresso.

⁶⁹ Fôlha do d’Oeste N 263 de 12 de setembro de 1970

⁷⁰ Fôlha do d’Oeste N 263 de 12 de setembro de 1970

⁷¹ Fôlha do d’Oeste N 267 de 11 de outubro de 1970

No momento em que os separamos, não reconhecemos nenhum deles”⁷². Existiam outras relações, como em “*vertiginoso progresso com gosto de cooperativismo*”⁷³, mas a publicação estava preocupada com a emancipação e movimentação financeira da cooperativa.

O Fôlha do d’Oeste comemorou mais uma realização da EFAPI, ocorrida em outubro de 1970. Contudo, o que mais nos chamou a atenção é matéria de capa “Nada de anormal aconteceu – Chapecó continua sendo a “cidade das Rosas”⁷⁴. Diante de várias publicações na imprensa nacional de um vendaval que teria destruído a cidade, o periódico chapecoense se mostrava indignado. Tal infortúnio do tempo teria, entre outros locais, “destruído grande parte do Parque de Exposição da II EFAPI”⁷⁵ segundo a imprensa de fora. Já o Fôlha minimizou o acontecido e relatou que, além de alguns postes que caíram e outros casos pontuais, apenas o Hospital Psiquiátrico tinha sido atingido, mas nada que deveria chamar atenção da imprensa nacional. Finalizou informando que: “Enquanto a imprensa nacional se preocupa com a ‘destruição’ de Chapecó, a cidade continua altaneira e progressista, rememorando, ainda, as glórias da II EFAPI e I Congresso Catarinense de Cooperativismo”⁷⁶

Em outra publicação, que ganhou o título de “*Sociedade Chapecoense protesta contra reportagem maldosa da revista Veja*”⁷⁷. O jornal protesta conta a “maldosa reportagem” e que o município não pode ser “motivo de chacota e desprezo por profissionais da imprensa”. Em resumo, a revista entrevistou o advogado Pedro Alves de Almeida sobre sua vida no interior e esse deu algumas declarações, mas, segundo ele, foram utilizadas de forma maliciosa pelos jornalistas. O jornal destacou alguns trechos: “o pessoal do Fórum costuma dar-lhe erradas de propósito” e “em Chapecó, de 15 mil habitantes, interior de Santa Catarina, uma cidade de estradas poeirentas e casas de madeiras, os advogados se queixam de falta conforto e de diversão”⁷⁸. Diante do acontecido, o Fôlha sai em defesa da cidade enumerando suas qualidades e seu crescimento dos últimos anos.

Estas duas matérias nos fazem pensar sobre o linchamento que se queria esquecer (HASS, 2018). Muito se esforçou para esquecer um passado sombrio, assim como muito se fez para que nenhuma nova notícia negativa pudesse manchar a imagem de um município que estava no seu “apogeu do progresso”.

⁷² Ibidem

⁷³ Ibidem

⁷⁴ Fôlha do d’Oeste N 269 de 24 de outubro de 1970

⁷⁵ Ibidem

⁷⁶ Fôlha do d’Oeste N 269 de 24 de outubro de 1970

⁷⁷ Fôlha do d’Oeste N 181 de 18 de janeiro de 1969

⁷⁸ Ibidem

Durante os anos e páginas que analisamos do Fôlha d'Oeste, a personalidade ligada a ditadura civil-militar que mais apareceu foi do Ministro do Transporte, Mario Andreazza. As reportagens em que o ministro aparece sempre se referiam a tão aguardada BR-282. Se abrir entradas era uma conquista do progresso, uma rodovia colocaria a região em um patamar inigualável, ou, como coloca o jornal, traria uma “visão para o futuro”⁷⁹. Em uma entrevista cedida pelos ministros e publicada na matéria “*voltaremos todo nosso esforço para a pavimentação da BR-282*”⁸⁰, ele tranquiliza a todos diante de seus anseios: - “Inicialmente os meus cumprimentos ao povo do oeste catarinense e nossa mensagem de esperança e certeza de que, a tão falada BR-282 já está realmente com sua vez definida”⁸¹. O ministro também se colocou à disposição das autoridades locais: - “Em qualquer tempo estarei no Rio de Janeiro e receberei com muito prazer tôdas essas pessoas que se interessam tanto pelo progresso e desenvolvimento do Oeste Catarinense”⁸². Uma mensagem em que o alinhamento no ideal de progresso é identificado por nós, que analisamos décadas depois suas páginas, e seguramente sentida pelo periódico e seu leitor no momento que foi propagada.

O ano de 1971 começa com o “*ISTO É DOSE PRÁ ELEFANTE*”⁸³ estampando suas folhas. Uma grande mensagem de propaganda que, por enfatizar os bilhões de cruzeiros investidos em empreendimentos industriais e como isso era um “atestado eloqüente e irretorquível de que Chapecó e o Oeste crescem em ritmo inigualável”⁸⁴, parece ser da prefeitura ou de alguma associação. Mas a mensagem segue dizendo que “para acompanhar essa avalanche de progresso, nós estamos prevenidos e atentos. Breve, iremos surpreender Santa Catarina com planos avançados em comunicação social”⁸⁵. Tratava-se de uma propagando do próprio Fôlha d'Oeste.

⁷⁹ Fôlha do d'Oeste N 231 de 17 de janeiro de 1970

⁸⁰ Fôlha do d'Oeste N 277 de 25 de dezembro de 1970

⁸¹ *Ibdem*

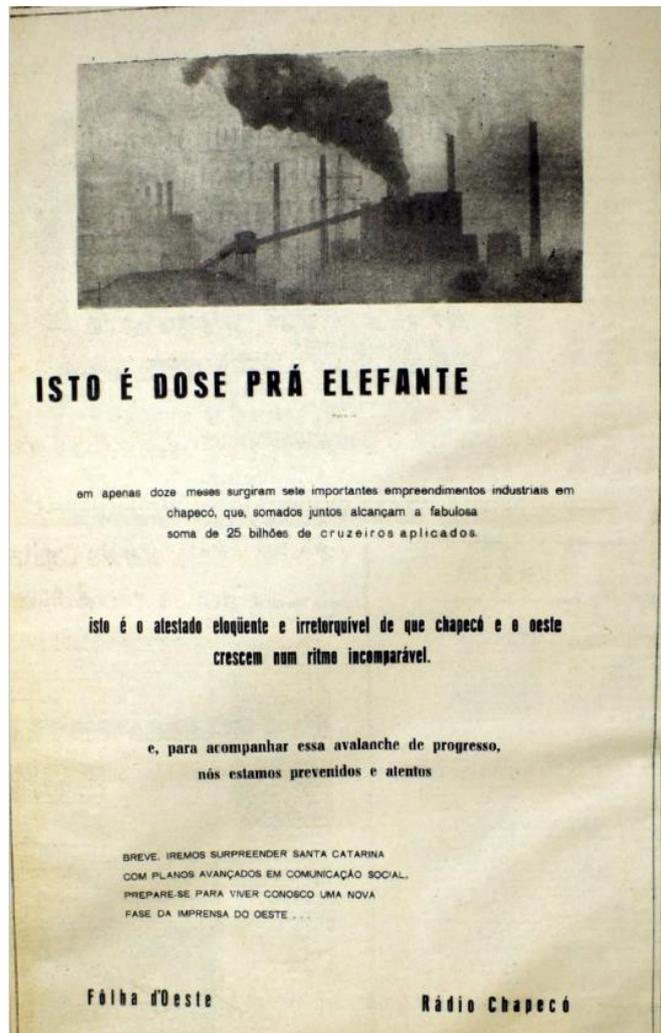
⁸² Fôlha do d'Oeste N 277 de 25 de dezembro de 1970

⁸³ Fôlha do d'Oeste N 279 de 16 de janeiro de 1971

⁸⁴ *Ibdem*

⁸⁵ *Ibdem*

Figura 6: Dose pra elefante.⁸⁶



Realmente o ideal de progresso propagando pelo jornal também se confundia com o das elites e do poder local. Prova disso é uma série de propagandas feitas pela Prefeitura Municipal em suas folhas que traziam as seguintes mensagens: “*Chapecó cresce em ritmo de Brasil Grande*”, “*Cresce e se industrializa, planta em solo oeste uma gigante máquina de progresso, Um celeiro de produção.*”⁸⁷ “*Aqui habita um povo feliz, porque crê, trabalha e progride.*”⁸⁸

Diante de toda essa perspectiva de crescimento o Fôlha d’Oeste alertava sobre “*as exigências do progresso*”⁸⁹. Para o ele, o crescimento da cidade, o desenvolvimento do comércio e da indústria exigiam algumas melhorias, ou seja:

⁸⁶ | Fôlha do d’Oeste N 279 de 16 de janeiro de 1971

⁸⁷ Fôlha do d’Oeste N 212 de 30 de agosto de 1969

⁸⁸ Fôlha do d’Oeste N 217 de 04 de agosto de 1969

⁸⁹ Fôlha do d’Oeste N 282 de 06 de fevereiro de 1971

progresso que se tem verificado nestes últimos anos em nossa cidade, está exigindo uma série de melhoria nos serviços públicos ... e entre as grandes obras que julgamos estarem sendo exigidas pelo progresso, está a elaboração do Plano Diretor... e obras de esgoto sanitário e pluvial.⁹⁰

Como veremos a frente, as melhorias e as estruturas do progresso não chegavam para todos. Contudo, para ninguém desanimar, o jornal, como sempre, terminava a matéria com uma mensagem encorajadora. “A horas é decisiva, para que se possa acompanhar os gigantes passos do progresso que muito nos oferece, mas muito está a exigir nossas atenções.”⁹¹

Diante das exigências e do tipo de progresso que se desejava e propagava, poderiam surgir alguns questionamentos. Como em *As profecias indicam o fim do mundo no ano 2000*.⁹²

Convenhamos, no entanto, que depois de tanto progresso científico, e isto em apenas meio século (antes tudo era esperança e sonho) seria lamentável que a humanidade tivesse que interromper esses para receber os castigos divinos, mandados em punição aos pecados que os homens não tem podido evitar, por orgulho, hipocrisia, ganância, medo e todos os adjetivos que você encontra para “xingar” o comportamento da humanidade desde que se conhece a história.⁹³

Pelo visto, só uma coisa abalava um ideal de progresso que levasse a ganância e feito para poucos, o castigo divino. Ou talvez nem isso, pois sempre podemos nos redimir dos pecados.

Entre os acontecimentos dos últimos anos, a ida do homem à lua não está vinculada ao progresso. Pode estar ligada ao fato de que não podemos abrir caminho, ou estradas, com os tratores para chegar lá. Contudo, em uma série de propagandas para a aquisição de imóveis pelo BNH feita pela Empresa F. Bertaso Ltda, era divulgado: “aparentemente, a conquista do espaço nada tem a ver com plano de habitação ... MAS, PENSANDO BEM, AMBOM SE COMPLETAM!”⁹⁴ Depois desta chamada vinha um texto que esclarecia: “Enquanto a ciência prova estar muitíssimo evoluída, temos a obrigação de amparar a família, dando-lhe casa própria e condição de progresso. Por isso, o problema de habitação, no Oeste Catarinense, foi totalmente resolvido.” O progresso está ligado a propriedade privada mais do que pisar na lua.

⁹⁰ Ibidem

⁹¹ Fôlha do d’Oeste N 282 de 06 de fevereiro de 1971

⁹² Fôlha do d’Oeste N 200 de 31 de maio de 1969

⁹³ Fôlha do d’Oeste N 200 de 31 de maio de 1969

⁹⁴ Fôlha do d’Oeste N 244 de 02 de maio de 1970

Nosso pedaço de terra é mais valioso do que a terra lunar. Pena que não é para todos, como indica a propaganda.

Figura 4: Propaganda Empresa Bertaso Homem na Lua.⁹⁵



Depois de tanta divulgação do ideal de progresso propagado pelo Fôlha d'Oeste, este progresso sempre direcionado a uma parcela da sociedade e fortemente financiado pelas grandes associações e pelo poder público, o periódico publica uma matéria intitulada “*A Comunidade Precisa Crescer Pelo Esforço Próprio*”⁹⁶. Para esclarecer o conteúdo, vamos destacar uma grande parte que diz:

A experiência dos países desenvolvidos e mesmo de outras cidades brasileiras, tem nos ensinado que o Estado de pobreza das classes sociais, está intimamente ligado ao estado de cultura, intelectual ou profissional, daquelas mesmas classes. E sempre que as classes abastadas procuram ajudar, em forma de donativo, esse procedimento sempre prejudicou. É necessário fornecer os meios para que os necessitados se promovam pelo esforço próprio. É preciso, como diz Servan Schereiber, em seu livro “O DESAFIO AMERICANO”, ensinar a pescar, ao invés de oferecer os peixes.⁹⁷

⁹⁵ Fôlha do d'Oeste N 244 de 02 de maio de 1970.

⁹⁶ Fôlha do d'Oeste N 298 de 29 de maio de 1971

⁹⁷ Fôlha do d'Oeste N 298 de 29 de maio de 1971

A matéria trata da construção e entrega de um lavatório de roupas coletivo para a comunidade do Bairro São Pedro⁹⁸ em Chapecó. Para o jornal, essa oferta resolvia os problemas econômicos, sociais e de saúde, pois um “povo que habita um bairro naquelas condições e que retira água para o consumo, no mesmo rio imundo onde lava a roupa, toma banho e joga os detritos na privada, não pode ter saúde.”⁹⁹ Agora essa gente tinha conseguido “uma fórmula de ganhar dinheiro” e não precisava mais pedir esmolas. Tinham o meio de pescar e não ganhar o peixe. Além de contraditória, a reportagem ganha um desfecho quase tragicômico. Enquanto alguns ganhavam barcos e redes, outros apenas uma varinha para pescar. Mas na visão do jornal, todos com as mesmas oportunidades de alcançar o progresso.

O mesmo acontece em outras matérias que abordam a situação de pobreza do Bairro São Pedro. Na publicação “*Apensar de tudo a Roubalheira continua*”¹⁰⁰, que trata de pequenos furtos na cidade realizados por menores que, segundo o jornal, eram residentes do bairro. Nela o periódico explana:

Há quem afirme que a sociedade precisa dar trabalho a êsses sêres humanos. Mas o que oferecer se os mesmos não possuem qualificação profissional nenhum? E ademais, alguns setores que se utilizam de mão-de-obra não especializada, como é o caso das firmas de reflorestamento, já empregam dezenas de adultos que possuem numerosa prole e habitam os ranchos da Vila São Pedro. Mas, enquanto o pai trabalha para suprir parte das necessidades da família, a prole continua a perambular pela cidade, pedindo esmolas e ultimamente subtraindo bens de consumo através de roubo.¹⁰¹

Mesmo posteriormente o jornal afirmando que esse seria um problema de todos. A preocupação maior seriam os prejuízos para o futuro de Chapecó que tal população traria.

Em outra matéria a forma como era vista a população e a maneira como viviam é bem descrita. Mesmo na cidade das flores, com suas edificações e da riqueza que circula. “Chapecó sofre um grande mal, um câncer mesmo, uma Biafra¹⁰² em pleno Oeste Catarinense”¹⁰³ Um local onde as casas são montadas de restos de madeira, papelão e barro, onde habitam 10 pessoas em dois metros quadrados. E o maior problema é o “moral”:

⁹⁸ Na época várias mulheres trabalhavam como lavadeiras no Bairro São Pedro. Este é, até dias de hoje, um dos mais pobres de Chapecó e extremamente estereotipado com relação a violência.

⁹⁹ Fôlha do d’Oeste N 298 de 29 de maio de 1971

¹⁰⁰ Fôlha do d’Oeste N 310 de 21 de agosto de 1971

¹⁰¹ Fôlha do d’Oeste N 310 de 21 de agosto de 1971

¹⁰² Biafra faz referência a um estado da Nigéria envolvido em guerra civil no final do ano 1690. Como a matéria usa a imagem de duas crianças negras e desnutridas como ilustração, acreditamos que seja essa a intenção no uso do termo.

¹⁰³ Fôlha do d’Oeste N 233 de 07 de fevereiro de 1970

...pois pai, mãe filhas e filhos de todas as idades dormem juntos sôbre os mesmos trapos e tôdas as atividades pessoais são feitas sem nenhuma individualização. A promiscuidade é levada pelos menores como herança do berço crescendo o índice da prostituição... Estamos falando do Bairro São Pedro, onde habitam 300 famílias indigentes, “vegetando” o dia-a-dia da mendicância.¹⁰⁴

Figura 9: Um quadro desolador.¹⁰⁵



Apesar de todo crescimento de Chapecó, apesar de todo o desenvolvimento, apesar dos investimentos em estradas e indústrias, apesar de tudo ... o progresso não chegara no Bairro São Pedro.

¹⁰⁴ Fôlha do d'Oeste N 233 de 07 de fevereiro de 1970

¹⁰⁵ Ibidem

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado para conclusão do curso de História da UFFS, tentou demonstrar o ideal de progresso propagado pelo jornal Fôlha d'Oeste nos anos de 1967 a 1971. Esse era predominantemente econômico e não abrangia outras áreas. Além disso, parcelas desassistidas da população chapecoense não faziam parte de todo esse progresso que o periódico publicava em suas páginas.

Na introdução colocamos o que nos levou ao jornal como fonte, os objetivos e as escolhas teóricas e metodológica. A opção teórica pela Nova História política nos deu uma melhor visão do jornal como fonte e agente político. O que facilitou o aceite do periódico como única fonte. A escolha metodológica, principalmente pelo trabalho de DE LUCA, ajudou a trabalhar com a fonte e compreender o seu papel.

No segundo capítulo foram abordadas questões históricas nacionais que envolviam a ditadura, os periódicos e o milagre econômico. Na história regional listamos os principais acontecimentos políticos e atores abordados na historiografia local. Também foi feito um levantamento da própria história do periódico trabalhado, sua fundação, proprietários e responsáveis. Esse contexto nos ajudou a compreender as relações do Fôlha d'Oeste com os atores políticos locais e como se deu a influência do regime civil militar na sua propagação de um ideal de progresso.

No capítulo "O Jornal e o Progresso" são analisadas as matérias em que o ideal de progresso do Fôlha d'Oeste aparecem. São na sua maioria matérias que tratam da abertura de estradas, transformações na infraestrutura das cidades ou da organização do poder público, mas na grande parte em matérias ligadas a empreendimentos econômicos como o da agroindústria. Analisamos também as publicações que demonstravam como se deu uma maior aproximação do jornal com a ditadura militar. Em um contexto de milagre econômico e ufanismo pátrio, houve um alinhamento do jornal com essa postura e esse sentimento.

Por fim, fizemos o uso de algumas matérias relativas ao bairro São Pedro de Chapecó, a forma como eram tratados os moradores, como a situação de pobreza e os problemas gerados pela situação eram abordados pelo jornal. A postura serviu apenas para uma finalidade: esconder problemas reais que estavam acontecendo. O contraponto foi utilizado para exemplificar qual era o ideal de progresso e para quem todo o investimento em um progresso econômico seria destinado.

5 BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, M. (2007). *História cultural da imprensa : Basil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad.
- BORGES, N. (2010). A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. Em J. FERREIRA, & L. d. DELGADO, *O Brasil Republicano* (4 ed., Vol. 4, pp. 13-42). Rio de Janeiro : Civilização Brasileira.
- CAPELATO, M., & PRADO, M. (1980). *O Bravo Matutino* (1ª ed.). São Paulo: Alfa-Omega.
- DE LUCA, T. (2015). História dos, nos e por meio dos periódicos. Em C. PINSKY, *Fontes históricas* (3. ed ed., pp. 111-153). São Paulo: Contexto.
- DUPAS, G. (2006). *O mito do progresso*. São Paulo: UNESP.
- FREIRE, S. d. (2011). *Cultura política, questão social e ditadura militar no Brasil : o simulacro do pensamento político de militares e tecnocratas no pós-1964*. Rio De Janeiro: Gramma.
- HASS, M. (2018). As elites políticas e o poder local: conflitos na política chapeconse de 1917 a 1998. Em M. CARBONERA, A. ONGHERO, A. RENK, & A. SALINI, *Chapecó 100 anos: histórias plurais* (2 ed., pp. 253 -280). Chapecó: Argos.
- JEANNENEY, J.-N. (2003). A mídia. Em R. REMOND, *Por uma história política* (p. 472). Rio de Janeiro .
- PRADO , L. D., & EARP, F. S. (2010). -O "milagre" brasileiro: crescimento acelerado, integração nacional e concentração de renda. Em J. FERREIRA , & L. d. DELGADO, *O Brasil Republicano V. 4* (pp. 206 - 241). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- REIS, J. (2000). *A escola dos Annales - A inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra.
- RÉMOND, R. (2003). *Por uma história política* (2 ed.). Rio de Janeiro: FGV.
- SCHNEIDER, L. (2001). Aplicação da Doutrina de Segurança Nacional na imprensa escrita em Chapecó 1966 - 1971. *Monografia (Graduação em História) Universidade Comunitária de Chapecó*. Chapecó.
- SILVA, C. (2014). *Dos braços do povo à espada dos militares: os anos de chumbo na fronteira sul (1964 -1970)* (1 ed.). Florianópolis: Padion.
- SILVA, C. M., & HASS, M. (maio/ago de 2017). O Oeste Catarinense não pode parar aqui". Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em. *Revista Tempo e Argumento*, 9(21), 338 - 374.
- SILVA, C., & HASS, M. (2020). *Sadi José de Marco: memórias de uma caminhada singular*. Curitiba: CRV.
- SIQUEIRA, G. (2016). Os donos do "Celeiro do Progresso": redes sociais e política. *Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis.